

**RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER**

# **Galáxia Humana em In-plosão**

# ÍNDICE

Algo NÃO DITO...	5
Algo NÃO PENSADO havia ocorrido no mundo	9
Começamos a viver algo NÃO VIVIDO	11
HOMEM À INTEMPÉRIE	15
PERGUNTA PELO <i>SIGNO</i> DO TEMPO	16
PERGUNTA PELO <i>LUGAR</i> DO HOMEM NO MUNDO	20
PERGUNTA PELO <i>SENTIDO</i> DA OBRA	23
FOGO A-TÔMICO NO CORAÇÃO	26
INCÊNDIO DA MATÉRIA	27
CADEIRA PERIGOSA	30
<i>REVERSIBILIDADE DE VALORES</i>	33
PRINCÍPIO DE IN-PLOSÃO	36
Somos golpeados pela luz que ingressa	36
RUPTURA DE SIMETRIA DA MATÉRIA HUMANA	39
PONTO CRÍTICO DE REVERSÃO DA FORÇA NO JOGO DE FORÇAS DA VONTADE DE PODER	44
NASCIMENTO GEN-ÉTICO POR PRINCÍPIO DE IN-PLOSÃO	49
NA GALÁXIA HUMANA EM IN-PLOSÃO A VANGUARDA AVANÇA/RETIRANDO-SE	
A GESTAÇÃO DA VANGUARDA MÍSTICA SE ANTECIPA À AÇÃO DA VANGUARDA POLÍTICA	53
RETIRADA ESTRATÉGICA DA VANGUARDA A CAMPOS DE ULTRASSENTIDO	55

RETIRADA SACRIFICIAL DA VANGUARDA	58
NOVO PACTO DO DESERTO À PRESENÇA DO DEUS DESCONHECIDO	58
<i>HUMANIS CORPORIS FABRICA</i>	62
ORDEM SAGRADA DO MUNDO	68
CARTA HUMANOGRÁFICA DO MUNDO VINDOURO	77
PRINCÍPIOS COSMOGÔNICOS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL	80
FUNÇÃO DO “GUERREIRO SAGRADO” NA ATUAL GUERRA DE MUNDOS	85
GIRO DA FORÇA: O “GUERREIRO SAGRADO” OPERA COMO MENSAGEIRO DE TRANS-MISSÃO DO VERBO	87
CONFIGURAÇÕES SOCIAIS DE PODER	91
CHAVE-SIMBÓLICA DO CÓDIGO QUE GERA A CIVILIZAÇÃO QUE VEM	91
PEGADAS IN-EXISTENTES NO CAMINHO DO HOMEM	107
<i>ELEGIA ÀS QUATRO IDADES DO MUNDO</i>	107
<i>URBI ET ORBI</i>	112
TRANSPOSIÇÃO GEN-ÉTICA DA HUMANIDADE A UMA NOVA MORADA COSMOGÔNICA	115
A VANGUARDA POLÍTICA NÃO ENTENDE A VANGUARDA GEN-ÉTICA	117
<i>RESONANTIA VERBUM</i>	119
LITURGIA CÓSMICA DE ADVENTO	121

# **Galáxia Humana em In-plosão**

# Algo NÃO DITO...

Algo essencial que se oculta no que foi dito  
vem para cima de nós como proto-sinal de uma

## **Galáxia Humana em In-plosão.**

Pre-sentimos o “movimento inverso”  
de uma *luz* que nos atinge com o poder da *sombra*.

De repente, muitas coisas que pareciam claras  
se tornaram escuras  
e ainda o escuro se tornou mais escuro que o escuro.

Observo sóis, planetas e galáxias  
que refletem sua luz  
nas telas de nossos instrumentos.

Coisa curiosa, as faixas do espectro se movem  
para o azul: deslocamento anti-Doppler.

O Universo se contrai:  
viajamos em direção ao centro!

Caiu a imagem do mundo, a que havíamos construído com  
nossos antigos instrumentos. Não há nada a interpretar, a  
realidade é “outra”: um forte tornado nos arranca do solo onde  
nascemos.

Muito poucos perceberam  
a mudança de direção da Força.

Tentemos ouvir as conversas que entabulavam em segredo os  
investigadores comprometidos na construção da primeira bomba  
atômica:

Oppenheimer os convidou a falar livremente, os físicos primeiro, depois os químicos e finalmente os especialistas em artilharia. E um artilheiro muito jovem foi quem pôs em movimento o que seria a inovação mais criativa do Projeto Manhattan. Disse ao grupo que não deveriam trabalhar pensando em uma explosão, como todos diziam. “Explosão” significa uma expansão para fora. O que eles necessitavam era de uma “implosão”, o que significava choque violento. Esse termo impressionou o doutor Seth H. Neddermeyer, um cientista alto e magro, antigo aluno de Oppenheimer. Quando Neddermeyer ouviu a palavra “implosão”, levantou a mão e expôs, procurando as palavras adequadas, o que ele imaginava como o esboço de uma “bomba de implosão”. Nenhum dos reunidos acreditou nele. Até então, não se havia tentado nem pensado nada parecido... (a própria palavra “implosão” permaneceu classificada como secreta, até seis anos depois da guerra)<sup>1</sup>.

Por que a palavra “implosão” permaneceu secreta apesar de ninguém haver entendido nada quando foi pronunciada? Muito simples: ficou constelada no inconsciente coletivo como símbolo de poder. Ultrapassava todos os poderes conhecidos, reais ou imaginados. Indubitavelmente, algo novo flutuava na noosfera do planeta.

A pergunta que começava a despontar na mente dos jovens físicos “Por que *explosão* e não *implosão*?” não foi de todo estranha aos filósofos e cosmólogos, mas o *logos* racional não pôde aceder ao desvelamento da face “inversa” da luz. Cosmovisão em crise? Sim, era preciso re-pensar as coisas, o homem, o mundo.

Os cientistas modernos, guiados pelo impulso da vontade de poder, descobriram a “energia de fusão” e construíram a bomba H, mas só tiveram em suas mãos a chave técnica do movimento de implosão: só “a metade” da fórmula. Não haviam percebido que, por trás do véu da experimentação científico-técnica, revelava-se/ocultando-se uma lei universal que os sábios da Terra pressentiram em mais de uma oportunidade, mas que uma e outra vez escapava a sua formulação matemática: o movimento “total” da energia/sentido do Verbo.

---

<sup>1</sup> Peter Wyden, *Día Uno, Así Empezó la Era Atómica*, Barcelona, Martínez Roca, 1986, pg 94

Uma vez mais, em “outro” instante privilegiado da curva do Tempo, o homem começa a reconhecer-se a si mesmo como “prot-agonista” de um Verbo que quer encarnar na História. Já não estamos no mesmo mundo:

A Galáxia Humana entrou  
em In-plosão.

In-plosão por reversão da força sobre si mesma: movimento inverso da luz que arrasta o homem, o planeta, a História a seu mais profundo “centro” de sentido/antisentido.

Quando tudo parecia acabado  
nas estrelas que desabam sobre si mesmas,

Hawking-Penrose descobrem  
a “radiação de buraco negro”.

Nós, prot-agonistas de um drama humano em tempo de In-plosão, começamos a vislumbrar os primeiros resplendores de expansão de consciência por in-plosão de massa e a escutar os primeiros a-cordes de sentido, na onda inversa de antissentido. É mérito de Jean Baudrillard haver-se adiantado aos sociólogos de seu tempo, quando descobre, na atual sociedade de massa, as “explosões sociais por implosão de massa”. O que aconteceu na Galáxia Humana?

Foi rompido o pacto simbólico  
que sustentava a imagem do mundo.

O fogo do coração já não sustenta  
as antigas formas de vida.

Nossa própria fisiologia humana  
desmorona por dentro.

As “enfermidades de autoimunidade” se constituem em símbolo paradigmático da corrente de energia inversa que hoje, em nossa Galáxia Humana em In-plosão, com signo contrário ao movimento criador da vida, “volta” a vida contra a vida.

\* \* \*

Quando parecia que “tudo estava consumado”, eis aqui que todos nos encontramos outra vez reunidos em torno da Mesma “mesa redonda”, perguntando-nos em silêncio, quem poderá ocupar a “cadeira perigosa”. Já não somos convocados por Julius Robert Oppenheimer. Convocou-nos o próprio Verbo que se havia retirado: como se houvesse ficado nos esperando à borda da Fonte, até que terminássemos de percorrer a Terra. Quem somos? Qual é a natureza desta re-União? Não é uma reunião de sábios, um congresso de religiões, uma assembleia do povo, uma sociedade das nações. Somos uma “con-stelação de signos”, uma “configuração de palavras que procuram a Palavra”, um circuito de “protofunções não-nascidas que querem abrir sua passagem para a vida”. Somos a caravana que volta do exílio: vislumbramos a “outra margem”, mas não temos palavra certa. Tampouco, de todo incerta. Quem poderá ocupar a “cadeira perigosa”? Não o sabemos, só há sinais A-nunciadores: intuições primordiais que, de repente, transformam-se em “barca” para cruzar o rio.



# **Algo NÃO PENSADO havia ocorrido no mundo**

O Fogo central da Galáxia

já não sustentava o resplendor das estrelas.

Algo essencial desapareceu. Acaso desapareceu a imagem do mundo? *Não*: fica uma imagem que não nos diz nada. Mudança de signo, reversão do movimento das coisas. As pedras, o homem, a vida, sem que nos déssemos conta, tudo caminha em direção contrária ao que havíamos imaginado: movemo-nos da Terra Prometida para o Egito.

A astrofísica moderna descobre “sóis que se apagam”, estrelas que colapsam por implosão, galáxias inteiras que mudam seu padrão de movimento e se transformam em galáxias espirais: matéria que explode em radiação de supernovas por um lado, matéria que se condensa em núcleos superdensos por outro. Todos estes dados procedem do conhecimento científico experimental e, de uma ou de outra maneira, falam-nos da “dança cósmica”, na qual se resolve o grande mistério de criação e destruição dos mundos. A mitologia hindu preservou a unidade simbólica desta “dança cósmica” nas diferentes representações de Shiva, como deus criador e destruidor do Universo. A contribuição da ciência moderna para esta figuração metafísico-artística do fogo primordial é haver demonstrado que, em cada “passo de dança” do deus, revela-se uma diferente geometria da vida e um diferente estado da matéria. Claro que essa “revelação” (se é que podemos falar nestes termos) não surge de imediato só pela leitura dos dados experimentais, mas sim, fica descoberta como “simetria fundamental” quando o pensamento se retira da objetividade dos fatos, para dar passagem ao sentir intuitivo que pro-vem da alma dos fatos:

Quantas coisas, que têm morta a alma,  
vivem ainda!

A linguagem sofre aqui uma “torção” de sentido: calam as vozes que o *logos* dos fatos pronuncia e começamos a escutar o “som” in-audível do *logos* que nos fala desde a *alma* dos fatos.

Detenho-me no caminho:  
tento ouvir  
em que direção sopra o vento

Já não é a palavra-conceito a que me guia pelos caminhos da Terra, mas um silêncio-palavra que me ensina a caminhar sobre as águas: não só ideias já cunhadas no tempo, mas estados virtuais da matéria, cujo tempo interior marca a precessão histórica dos acontecimentos.

Nesta caminhada de “precessão histórica”,  
  
determinada pelo signo do tempo  
da Galáxia Humana em In-plosão,  
  
a vanguarda avança/retirando-se.

Paradoxo do “tempo de precessão”: *antes* de pôr o pé sobre o certo, já fomos arrebatados para o In-certo.

# Começamos a viver algo NÃO VIVIDO

No *caminho de retorno ao Egito*, “outras” são as estrelas no céu, “outros” os companheiros que voltam o olhar para a cidade dolente, “outros” os sinais do coração sofredor. Não se trata de outra filosofia da vida: é a *mesma* vida que, *voltando-se* sobre si em busca da luz da vida, encontra-se com a sombra da morte.

A Galáxia Humana em In-plosão, organismo vivo em que nos movemos, vivemos e temos nosso ser, esse gigantesco pulso da vida cósmica, devolve-nos um estranho sentimento vital: obscura sensação visceral de não estarmos de todo vivos nem estarmos de todo mortos. Digo “visceral” porque é algo mais que um modo de ser, categoria existencial ou estado da alma: é um “estado da matéria humana” que procura a palavra adequada, para ser no mundo das estrelas que colapsam.

Quantos vivem hoje, com a ilusão de estarem vivos!

E o mais estranho é que essa “ilusão” se tornou hoje necessária para que a vida não seja devorada pela morte; é necessária para sustentar a auto-organização de todos os sistemas: *self-organizing world*. É como se a vida necessitasse da ilusão da vida para sentir-se viva: estranho acoplamento entre a realidade e a ficção. A mesma fratura-e-acoplamento se produziu entre a economia real e a economia virtual, entre a saúde e a doença, entre o amor e o sexo. Nas chamadas “enfermidades de autoimunidade” – aquelas em que o corpo já não reconhece como próprios os seus próprios tecidos e os ataca como se fossem estranhos – em tais “enfermidades de adaptação”, a vida com-vive com a morte. Não se está de todo são nem de todo doente: continua-se vivo, graças à ilusão de não estar doente. Sem perceber, entramos em um estado intermediário (inter-meio): já não estamos de todo sobre a Terra, tampouco estamos de todo no corpo. Mas, então, onde estamos? Não o sabemos, o que sabemos é que não estamos no lar.

Não é a mesma coisa viver em uma estrela que nasce, com seu fogo termonuclear intacto, que viver em uma estrela que perdeu brilho e começou seu colapso gravitatório. Não é a mesma coisa subir à Terra Prometida que descer ao Egito. Não é a mesma coisa viver-vivendo em companhia do Deus que habita entre nós, que viver-morrendo em albergues sem fogo e em noites sem estrelas. Na Galáxia Humana em In-plosão, não só muda a paisagem do mundo, a seta do tempo, a filosofia dos valores: é “outro” o estado da matéria e “outra” a química da vida. O *meio* cósmico é “outro” e “outra” a teoria de *significado*.

Para onde nos encaminhamos?

Retornamos ao Egito!

Moisés contempla a Terra Prometida, mas não entra nela. O atravessar do Jordão estava reservado a Josué, filho de Num, ministro de Moisés: “Esforça-te e tem ânimo porque tu introduzirás este povo para apossar-se da terra que a seus pais jurei dar” (Josué 1:1-6). Fecha-se o ciclo teofânico, abre-se o tempo histórico.

Hoje, em nosso tempo de sóis nascentes e de estrelas que se apagam, o próprio tempo histórico “se curva” sobre si mesmo em busca de sentido. E nessa “torna” (como diria Heidegger) que em realidade é um “re-torno” – depois de haver alcançado o limite da velocidade da luz (em termos de inteligência humana) – “retornamos ao Egito” em busca de uma segunda iniciação.

Retorno ao Egito?

Segunda iniciação liberadora?

A primeira iniciação nos foi dada: “No meio da noite, passarei pela terra do Egito e morrerá todo primogênito da terra do Egito” (Êx. 11:4). A segunda, temos que conquistá-la *a ritroso*, desvelando um a um os véus com que velamos a raiz da escravidão: necessitamos, para voltar a subir, liberar a energia que ficou aprisionada na terra do Egito. Mas, quais são os sinais orientadores para não perder-se, ao cruzar de “volta” o deserto?

Não é fácil reconhecer esses sinais, muitos se perdem no caminho incerto. Tampouco existe uma guia tão certa, mas as estrelas que se retiraram I-luminam a noite sem estrelas. Animo-me a dizer que no caminho sem caminho desta “segunda iniciação”, voltamos a encontrar (por analogia e energia inversa) os mesmos mistérios que serviram como marcas na rota da “iniciação primeira”.

A língua sofre aqui uma “torção” de sentido e, quando tudo parece consumado, começamos a ouvir a voz in-audível do *logos* que nos guia. Tentemos traduzir o que nos diz o sinal A-nunciador, em chaves simbólicas de sentido.

Homem à Intempérie.

Fogo A-tômico no coração.

Princípio de In-plosão.

**In-plosão:**

Voltar a pensar  
o não pensado em

**Implosão.**

# HOMEM À INTEMPÉRIE

Ficamos a céu aberto  
em terra estranha e vazia.  
E em meio à intempérie  
perguntamos:

Pelo *signo* do Tempo.

Pelo *lugar* do Homem no  
Mundo.

Pelo *sentido* da Obra.

# PERGUNTA PELO *SIGNO* DO TEMPO

Movemo-nos em um tempo no qual é difícil dar nome às coisas. Como nomear o tempo de hoje? Ou melhor: como se delinea o “signo” de nosso tempo no horizonte do porvir?

Por um caminho ou por outro, e com diferentes linguagens, os pensadores mais destacados de nosso tempo tentam responder a uma pergunta fundamental: qual é a “forma” em que nos aparece o Tempo?

Tempo apocalíptico ou Tempo messiânico? (Francis Fukuyama aponta para o “fim da História”; Thomas Berry dirige seu olhar para “uma nova História das origens”). Ocaso das revoluções e tempo de alma desiludida? (Ortega y Gasset). Ou “tempo de esperança” (*Revolution of Hope*, Erich Fromm)? “Tempo cíclico”? “Tempo retilíneo”? “Seta do tempo”?

A meu ver, nenhuma destas “representações” do tempo chega a desvelar a *Geometria simbólica do Tempo* que hoje presentimos, *antes* de compreender. Para além da ontologia metafísica, da filosofia da História, da teoria da Ciência, conseguimos pre-sentir (*antes* de ver) um “ponto/sem ponto”, onde as “coisas viram do avesso”, onde “se inverte” o sentido da História, onde o tempo “se retira” para alguém do tempo. Esse “ponto crítico” (que também não é um ponto) já não pertence à física do tempo (nem sequer ao sentido do ser), senão que se revela como con-stitutivo da geometria da verdade.

## Geometria da verdade?

Albert Einstein geometriza a Física, por via teórica. Arthur Stanley Eddington o confirma por via experimental: as massas gravitatórias “curvam” a trajetória da luz. Foi um primeiro passo no desvelamento da “dupla face do mundo físico”. Mas, a geometria da verdade viria pelo caminho da “teoria da catástrofe” (René Thom), “rupturas de simetria” (Erich Jantsch), “nascimento de estruturas dissipativas em pontos críticos de flutuação dos sistemas fisicoquímicos e biológicos” (Prigogine). Foi um segundo passo no descobrimento do tempo intrínseco da



matéria. De qualquer maneira, tanto “a curvatura do espaço e o encurtamento do tempo” (em velocidades relativistas), quanto a “ruptura de simetria” em pontos críticos de “catástrofe” (em velocidades evolutivas, se pudermos chamá-las assim) só se antecipam (na visão do mundo técnico) a um acontecimento mais fundamental no mundo no homem: a experiência do “instante de catástrofe”.

Um oco no tempo:  
onde a Mensagem chega *antes* que os  
mensageiros.

Aqui, já não temos mais tempo para pensar no tempo, porque o próprio Tempo se retirou, deixando um “oco no tempo”. Mas, a “lógica do tempo”, cunhada há milênios para interpretar o tempo da natureza, do Cosmo, da História, da matéria, da máquina... esse instrumento maravilhoso que construiu filosofias do tempo e teologias da eternidade, mostra-se hoje insuficiente para “ouvir” o *não*-tempo das funções da vida.

Não há *ouvido* para estes sinais A-  
nunciadores:  
para este *A-núncio* que antes de bater à  
porta  
já derrubou a casa.

Ficamos à intempérie!

Para além do tempo do relógio, do tempo das estrelas, do tempo das civilizações perdidas, do tempo dos “mortos que enterram seus mortos”, começamos a viver (e a padecer) no “oco do *não*-tempo do homem”. Mudança súbita de polaridade na fronteira que separa os mundos. Já não temos mais tempo para escolher. Não podemos subtrair-nos à “in-versão de significados” do novo *signo* do Tempo: a uma corrente que, por diferentes caminhos, traz-nos “mais perto que o perto”.

Não é fácil manter-se neste torvelinho  
que nos arrasta ao “oco do Tempo”:  
onde aquilo que é já deixou de ser,  
onde chegamos antes de haver partido,

onde o que foi (na morte) volta a ser  
(na vida).

Tempo de A-sombro!

Fugiram os antigos deuses, desmoronaram os novos impérios sobre a Terra, os castelos que havíamos construído sobre a areia foram varridos pelas fortes ondas do mar. Ficamos sem lar: é tempo de “diáspora”. De repente, o claro se fez escuro. Mas, quando o escuro se torna “mais escuro que o escuro”, um novo resplendor A-nuncia a chegada do não-nascido.

Ao chegar a este “oco do Tempo”, encontro-me com um paradoxo que A-sombra meu entendimento. E digo que “A-sombra” porque quando quero nomear o primeiro resplendor que ilumina a Noite sem estrelas, fico sem palavra para dar nome à Sombra que me fala sem-palavras.

De repente, cai a cenografia,  
desaparecem os atores,  
o teatro fica vazio.

.....

Não fica nada por nomear  
nem ninguém a quem perguntar.

.....

Só o silêncio.

Tropeçamos com os limites da linguagem!

É o fim do argumento.  
O Tempo se retirou:  
Giro do pensar!

.....

O cérebro descansa:  
cai o tempo do ser,  
abre-se o espaço da revelação.

Algo completamente *novo* quebra a simetria do mundo e ilumina a alma do homem. Começamos a pre-sentir o “pulso” de um coração diferente. Ainda não temos palavra para nomear este Sopro que deixa nossa casa sem sustento.

Como se delineia a Geometria dinâmica deste *logos* que quebra as barreiras do antigo *logos*?

Não nos adiantemos: apenas vislumbramos os traços mais gerais do

*Signo* do tempo.

Falta-nos descobrir o

*Lugar* do Homem no  
Mundo

e decifrar o

*Sentido* da Obra

# PERGUNTA PELO *LUGAR* DO HOMEM NO MUNDO

Caminhamos a grande velocidade, sem saber para onde.

“É mais fácil gritar ‘para frente’ que ‘para onde’”, diz Edward Matchett.

Em nossa era técnica, a pergunta pelo “*lugar* do Homem no Mundo” não pode ser reduzida ao marco estreito de uma cosmologia especulativa (Max Scheler, *El Puesto del Hombre en el Cosmos*), à reflexão fenomenológica de uma “ontologia fundamental” (Heidegger, “Ser-no-mundo”), ou a uma “antropologia evolutiva”, cujo sentido histórico tem como fundamento um humanismo dialético (Hegel, Marx). Senão que a “pergunta pelo *lugar*”, em nosso tempo de intempérie, fica subitamente “sem-fundamento ontológico”: isto é, sem o ponto de apoio intelectual que tínhamos até agora para manter a imagem do mundo. A “pergunta pelo lugar” já não é filosófica e sim *gen-ética*. Dito de outro modo, em nosso tempo de intempérie, de exílio existencial, de perda da imagem do mundo, de casa sem sustento, a própria “urgência” por encontrar um lugar no mundo nos arrasta a um espaço privilegiado, central, onde a onda do pensar, que abandonou os ramos da árvore do conhecimento, “volta-se” sobre si mesma em busca da corrente de energia que ascende pelos canais invisíveis da Árvore da Vida.

Agora, já não pergunto pelo “lugar”: pergunto por *meu* lugar.

Tempo de intempérie é “tempo de desalojamento”: somos sistematicamente “desalojados” do lugar que acreditávamos ser-nos destinado no mundo. O sentido de pertinência se transforma, da noite para o dia, em vazio de não pertinência: pela mudança tecnológica, o desemprego, a ruptura de vínculos familiares, as migrações, o exílio, o sentimento de ausência de Deus... e ainda, pela estranha percepção de sentir-nos desalojados de nosso próprio corpo: muitas pessoas têm hoje a sensação de “não estarem de todo encaixadas em seu corpo”

(Carlos Castaneda diz: “Moveu-se o ponto de encaixe”). Este “desalojamento” do lugar que ocupávamos (na fábrica, no escritório, na família, na igreja) essa “mexida” do ponto de gravitação existencial (que nos des-enfoca do mundo e não nos deixa sentir-nos de todo em casa), esse afundamento da pedra em que apoiávamos nossos pés, é um dos sinais trágicos do novo *signo* do Tempo. E digo “trágico” porque na resposta ou na não resposta à pergunta por “*meu lugar*” (já não pelo lugar que perdi, pela casa de que fui desalojado, mas pelo lugar desconhecido, ainda não-sido), na decifração do “código” de sentido oculto na pergunta, o que entra em jogo não é só minha verdade, mas minha vida, meu destino.

Para além dos templos de pedra, dos circuitos eletrônicos das cidades inteligentes, dos refúgios subterrâneos, das cápsulas espaciais, milhões de seres humanos “desalojados” de suas antigas moradas procuram hoje (às cegas) um “lugar próprio” que já não está determinado por parâmetros econômicos, técnicos ou ideológicos que possamos avaliar e medir. Mas, um lugar que se revela ao caminhante como “espaço de sentido”: campo potencial de funções sagradas da vida que “chama” a ser ocupado pelo homem. Tentarei explicar-me.

A genética molecular nos ensinou que o “lugar” dos aminoácidos nas moléculas de proteínas pre-determina a química e a função dessas moléculas no metabolismo orgânico: maravilhosa conjunção de espaço/tempo/significado. Um “lugar equivocado” leva ao desvio, à doença, à morte. Mas, o que acontece quando nós mesmos, no fio de corte entre a vida e a morte, caminhamos a grande velocidade sobre a Terra com “tempo equivocado”? E a resposta a esta pergunta não tarda em chegar: ficamos “fora de lugar”. Perdemos o lugar! Vemos nossa obra pessoal na tela virtual do mundo, mas perdemos o sentido da Obra. Ao chegar a este ponto de exílio existencial, já não há constelação de estrelas que guie nossos passos pelo deserto. E aqui surge uma pergunta: O que quero dizer com “caminhar com *tempo equivocado*”? Não me refiro ao tempo da Física: falo do “Tempo do homem”. A teoria da relatividade se mostra insuficiente para descobrir esta “outra” configuração de signos da vida humana que habitualmente permanece oculta ante o olhar da consciência objetiva. Não haverá chegado o momento de voltar a revisar (talvez fosse melhor dizer “voltar a explorar”

com meios próprios) o que Jean Charon chamou de “teoria da relatividade complexa” (1977)?

Volto ao tema: tempo equivocado/perda de lugar/perda de sentido. Mas esta é uma forma demasiadamente metafísica que tenta interpretar, mas que não chega a consumir o drama espiritual do homem de nosso tempo. A obra do homem (com seu correlato de perda de sentido) já não pode ser inscrita somente no paradoxo evangélico de “Ganhar o mundo e perder a alma”, senão que, ao término do “tempo equivocado”, já não nos encontramos com um paradoxo e sim com um sacrifício. Sacrificamos algo essencial: não só perdemos a alma, perdemos também a vida.

O que vem contra nós hoje não é só um vazio existencial (por perda de sentido): o que nos deixa “fora de lugar” é a colisão com os frutos amargos (e muitas vezes, malditos) da vida. Enfrentamos uma patologia social que se tornou autônoma: poder transgenético que se volta contra a vida. Já não podemos compensar a tristeza da alma com a riqueza das nações.

Até agora, viemos interpretando o sentido da História com base no profetismo escatológico, na filosofia política, na teoria da ciência. E, sobre estas pedras angulares do conhecimento, edificamos a cidade do homem: uma construção que já não pode albergar o fogo das funções nascentes da vida. É hora de participar na Re-construção do Templo: já não desde as pedras desgastadas pelas marcas do tempo, mas desde a “pedra” (o “lugar”) de onde brota a água da vida.

Não podemos ir mais adiante (ou melhor, mais para cima). Nossa reflexão sobre “o *signo* do Tempo” e o “*lugar* do Homem no Mundo” não é suficiente para responder às vozes profundas da alma: precisamos chegar, talvez por outro caminho, a descobrir o *sentido* da Obra.

# PERGUNTA PELO *SENTIDO* DA OBRA

Para onde vamos?

Muitos se perguntam hoje pelo porvir do homem:

- Teilhard de Chardin nos fala de um porvir espiritual, progresso evolutivo do homem em direção a um ponto Ômega: convergência humano-divina, um emergir do “Ultra Humano”.
- Henri Lefèbvre, em seu *Em Direção ao Cibernántropo*<sup>2</sup>, considera inevitável uma guerra entre o antropos e o cibernantropo. E profetiza: “Os cibernantropos não vencerão”.
- Mervin Minsky, autor de *Sociedade da Mente*<sup>3</sup>, em um trabalho publicado em *Investigação e Ciência*, em dezembro de 1984, pergunta-se: “Serão os robôs os que herdarão a Terra?” e não vacila em responder: “Assim será, pois a nanotecnologia permitiu criar corpos e cérebros de reposição: então, viveremos mais, possuiremos mais”.

E volto a perguntar:

Para onde vamos?

Quem possuirá a Terra, o antropos ou o cibernantropo? No ritmo em que avança a robotização, não só no parque industrial, mas também na alma do homem e nas funções da vida, talvez Mervin Minsky tenha razão e, muito cedo, os que ocuparão a Terra serão híbridos transgênicos e filhos sem pais. Mas, de qual Terra estamos falando?

Já não pergunto aqui nem pelo Tempo nem pelo Lugar: pergunto pela Obra.

---

<sup>2</sup> Barcelona, Gedisa, 1980.

<sup>3</sup> Madrid, Galápagos, 1984

Nem a Filosofia Transcendental de um Kant ou de um Husserl, nem a Metafísica Hermenêutica de um Heidegger, nem a Física Relativista de um Einstein ou a Biologia Evolucionista de um Prigogine, nenhuma destas tentativas do conhecimento, em busca das raízes fundamentais do Ser, da História, da Vida, pode responder à pergunta que, sobre o *sentido* da Obra, fazemo-nos hoje: em tempo de penúria, quando não temos lugar no mundo e quando já não brota água da rocha para saciar a sede do povo que acampa no deserto.

Perguntar “hoje” pelo *sentido* da Obra é repensar a *função* do Trabalho. Quando digo “re-pensar”, refiro-me a uma mudança de signo na direção habitual do pensamento: navegar contra a corrente do rio, desde o *Manifesto* de Marx e Engels até *Os Trabalhos e Os Dias* de Hesíodo. Dito de outro modo: o desafio da Esfinge, na era que se inicia, já não nos move a “interpretar” o mundo, nem sequer a “transformá-lo”, senão que nos comove desde as próprias raízes da Vida: subitamente, somos “desarraigados” do tempo e “desalojados” do lugar e ficamos à intempérie, com um “sentimento de vazio cósmico” que nos escapa das mãos. É uma “catástrofe”: mas também uma promessa.

Salto cosmogônico!

Sem dar-nos conta, passamos subitamente a “outra” dimensão: transição de fase na hierarquia de funções da Árvore da Vida. Começamos a perceber que, na era técnica que hoje vivemos (sem compreender muito), o *antropos* se desprende de seu corpo cibernético e se “retira” da antiga Terra (sem ser notado) para habitar um espaço “interior”, até agora não pisado. Mas, cuidado, quando digo “espaço interior”, não me refiro a outro sonho: falo de outra *função*.

O “sentimento de vazio cósmico” – que hoje nos desvela – não surge somente do colapso da base metafísica para interpretar o mundo, mas do afundamento de “funções” que até ontem eram pedras basilares da vida. A casa que habitávamos ficou sem sustento e a noite se tornou mais escura. O fio de Ariadne que acompanhava nossos passos através do labirinto do tempo e da História já não nos serve de guia para desvelar o sentido da vida no espaço recém aberto: a mensagem já não é metafísica, mas gen-ética.

A revolução que vem já não será pelo salário e sim pela Obra.



A onda de “desemprego” que, como novo dilúvio universal, varre com os postos de trabalho e arroja à intempérie milhões de seres humanos (segundo proletariado da Terra), não só nos mostra as fauces devoradoras da *tecnologia* moderna, senão que expõe o desmoronamento de funções que ficaram fora da *lógica* do Tempo e na contramão do *sentido* da Obra.

Ao perder “seu lugar de trabalho” o homem foi expulso, pela segunda vez, do paraíso e volta a vagar à intempérie. Mas o “lugar de trabalho” é algo mais que o emprego, o salário, a política econômica, as leis trabalhistas: é um *lugar sagrado*. E este lugar sagrado foi perdido: a terra se tornou inóspita e o homem é um estranho em sua própria casa. Já o dissemos, os robôs eletrônicos ocuparam esse “lugar”: não será fácil recuperá-lo!

E voltamos a dizê-lo: a revolução que vem será pela Obra, não pelo salário.

A “onda de desemprego” que hoje se propaga como grito de desamparo do novo proletariado da Terra, mais que o salto tecnológico e a crise das teorias econômicas, o que mostra é o desmoronamento de significado de funções essenciais do homem. Qual é a resposta a este desafio? Outra teoria econômica? Ou o salto a uma função mais elevada da vida? E aqui me detenho: porque não há uma resposta “lógica” a esta pergunta fundamental.

A resposta à “crise de funções” que hoje sofremos, sem compreender, já não vem pelo caminho da epistemologia genética ou da revolução social, senão que irrompe como impulso transgen-ético, desde as raízes profundas da vida. Da filosofia dos valores, passamos à revelação de sentido. Dito de outro modo: já não sou “eu” quem procura trabalho no mercado de trabalho, senão que é a própria Obra a que pergunta por “mim” e me indica outro destino.

No instante de revelação, as antigas perguntas ficam sem resposta:

Aqui, já não falamos da terra

e sim, do sal da terra.

# FOGO A-TÔMICO NO CORAÇÃO

Uma poderosa corrente de fogo sagrado varre hoje com os significados da História, com o fundamento ontológico das palavras, com os suportes precários da vida. De repente, ficamos à intempérie, em um mundo sem sinais. Leio no jornal *Página 12* (Buenos Aires, 5 de julho de 1995), uma declaração de Ernst Jünger, ao cumprir cem anos: “Este foi um século horrível... e vejo chegar o século XXI como a época em que voltam os titãs”. Pode ser que Jünger tenha razão, mas eu me pergunto: qual é a mensagem secreta dos titãs?

Algo essencialmente ameaçador vem para cima de nós. O planeta Terra se tornou perigoso. Já não estamos tão seguros, a casa que habitávamos ficou sem sustento: radiações cósmicas acima de nossas cabeças, lixeiras nucleares abaixo de nossos pés. Muitos anunciam o “fim da História”. No entanto, desde o fundo da alma, pre-sentimos que algo *novo*, algo que ainda não tem história, nasceu em nosso coração.

A história que se *inicia* não é uma história que nos tenham contado: é uma história-testemunho (que pode não ser acreditada e tampouco ser contada). Trata-se de um nascimento, que vivemos sem compreender. Já o dissemos: a linguagem habitual é insuficiente para decodificar as primeiras palavras deste *recém nascido* que ainda não tem nome.

Não se trata, para maior precisão, de recorrer à filosofia da linguagem, mas mais do que isto, trata-se de prestar ouvido ao ritmo, à pulsação, ao in-pulso de protofunções que irradiam como enigmáticas cintilações do coração. Mas, o cérebro quer saber o que acontece na câmara secreta da Rainha. Quer ver o que se oculta a seu olhar e pergunta: como se manifesta a nosso entendimento esta tênue vibração da vida profunda que, por momentos, ameaça transformar-se em caudaloso rio?

Manifesta-se:

Como Incêndio da Matéria.

Como “Cadeira Perigosa”.

Como *Reversibilidade de Valores*.

# INCÊNDIO DA MATÉRIA

Voltaram os astronautas! Trouxeram muita informação. Mas, as estrelas continuaram distantes.

Em 1952, morre Eva Perón. Pouco tempo antes, havia dito: “Voltarei e serei milhões”. A mensagem era perigosa: durante muito tempo, sua tumba não teve paz.

No final de 1992, em Moscou, Silvia Pisani, enviada especial do jornal *La Nación* (Buenos Aires, 29 de novembro de 1992) pergunta a Mijail Gorbachov:

— Como o Sr. imagina o futuro? Socialista? Ou liberal?

E o homem que surpreendeu o mundo com sua audácia política, responde:

— Procuro uma nova civilização.

Palavras de esperança, sem dúvida. Mas, o artífice da *Perestroika* (renovação) e da *Glasnost* (transparência) não pôde conseguir que a poesia encarnasse na História (como teria dito Octavio Paz). A História não deu tempo a Gorbachov: porque “já não havia mais tempo”.

Topamos com um vento que vem do deserto: tempo de “volta”. Começamos a descobrir dimensões qualitativas do tempo que haviam nos escapado das mãos: não só descrever os fatos, mas escutar a alma dos fatos. O que foi Chernobyl, o começo ou o fim de algo? E o disco compacto, representa a nova dimensão da inteligência que se adianta ao tempo ou é o arquivamento (“o fim”) de conhecimentos acumulados no tempo? E a liberação da energia atômica, indica o “fim” da matéria terrestre ou marca o início da consciência cósmica? E o poder da técnica (robôs industriais, engenharia genética) leva a vontade de domínio ao extremo do tempo ou tropeça com a reversão de seus efeitos (“estratégias fatais” de Baudrillard) que nos trazem para além do tempo?

Para além do tempo?

De qual tempo? Do tempo das estrelas? Do tempo da História? Do tempo do homem? Teilhard de Chardin havia se

adiantado demais: “A era das nações passou. É tempo de construir a Terra”. Mas, eu me pergunto: “antes do fim” ou “depois do fim”? Ilya Prigogine, desde o laboratório, não teria dificuldade para responder: “Só há possibilidade de transição de fase (nascimento de novas estruturas) em pontos críticos, distantes do equilíbrio termodinâmico”. Eu diria: longe da cristalização da vida em uma forma, muito *antes* do “fim da História”.

Há sinais de um “tempo novo”, mas é difícil reconhecê-los: porque perguntamos com o tempo errado. Perguntamos com perguntas da Filosofia, da Ciência, da Política, da Religião, todas elas cunhadas no tempo de uma galáxia cósmica em expansão. Mas, não perguntamos desde a fisiologia profunda da vida, em uma “Galáxia Humana em In-plosão”. Não perguntamos por “funções aquém do tempo”.

Começamos a descobrir a “energia inversa” dos acontecimentos, o esvaziamento das significações, a contraessência da verdade, os paradoxos da inteligência: de repente, a melhor solução para um problema se converte em outro problema. Nesse Tempo de “volta”, viajando na própria velocidade da luz – mas em sentido inverso (aqui, as faixas do espectro correm em direção ao violeta: anti Doppler) – nessa corrente de anti-sentido já não me fica tempo para perguntar pelo tempo: porque o próprio fluxo do tempo se converteu em poder que me tira fora do tempo. Sem dar-me conta, cruzei a “fronteira” do tempo e me encontro exposto em lugar perigoso: “o lugar era *sagrado* e eu não o sabia”.

Não é fácil falar deste “Tempo de Volta”: corre-se o risco de ser mal interpretado, porque a linguagem comum não oferece ponto de apoio para traduzir em conceitos a experiência profunda da vida. Heidegger vislumbrou a possibilidade desta “volta”, deste “tornar-Se” (*Die Kehre*) na fronteira de máximo perigo da era técnica: perigo de “esquecimento do Ser”. A volta, *Die Kehre*, seria algo assim como o movimento de regresso ao lar: um adentrar-se do Ser em sua mesmidade, um voltar à origem, à essência da verdade. Profunda intuição do pensador alemão em seu propósito de caracterizar metafisicamente esta “volta a si-mesmo”, em um tempo como o nosso (“de deuses que fugiram” e que tiveram seu tempo). Mas não quero voltar a perguntar-me – de mãos dadas com os filósofos – pelo sentido do ser, pela essência da verdade, pela forma do tempo. Porque percebi que a

resposta a estas perguntas já não vem através da luminosa claridade do entendimento, mas através da escuridão radiante da matéria.

Surpreendente revelação nesta “veloz queda no centro da galáxia”. Neste “tempo de volta”, neste “estar mais perto que o perto”, chego a dar-me conta de que não só “ficam reviradas” as leis da sociedade e da História, senão que também “fica revirada” a fisiologia de meu próprio corpo: o ritmo de meu coração é “outro”. Como chego a perceber esta mudança qualitativa de funções? Só posso dizer: Sei, *não* porque o conheça. Sei, porque o sinto.

Sei que, em “tempo de intempérie”, há um ponto crítico de resistência da alma e que, se se consegue cruzar essa fronteira sem desmoronar, a própria vida fica transfigurada pelo incêndio da matéria. Quando tudo está perdido, neste “lugar perigoso”, a obra de transfiguração de funções não é realizada pelo intelecto ilustrado, pela sensibilidade artística, pela vontade de poder, mas pelo fogo sagrado do coração.

Mas, não nos adiantemos, o tema é delicado: não é fácil adentrar-se nesta fisiologia de antecipação. Vejamos se podemos aclarar um pouco mais a estrutura de *poder* deste “lugar perigoso”.

# CADEIRA PERIGOSA

Recorro a uma figura poético-mítica da tradição cavaleiresca da Távola Redonda. Cada cavaleiro tinha escrito seu nome na cadeira que ocupava. Só uma das cadeiras permanecia vazia e sem nome, à espera do cavaleiro inocente que pudesse ocupá-la sem morrer. Era a “cadeira perigosa” (*Perilous Seat*). Se um homem malvado ocupasse esse lugar, morreria. A lenda nos diz que, quando o jovem Galahad se sentou nela, apareceu escrito em ouro: “Sir Galahad”. Em poucas palavras, trata-se do mistério da “revelação do nome próprio”. Mas, não nos adiantemos. Octavio Paz, utilizando uma linguagem mais metafísica, diz o mesmo de outro modo: “Mas, não houve nem há um: cada um é um todo. Mas, não existe todo: sempre falta um”<sup>4</sup>.

A pergunta pelo *nome* vai unida à abertura do *lugar* e ao desvelamento da *função*. É como perguntar pelo lugar dos elementos químicos na tabela de Mendeleiev ou pelo lugar dos aminoácidos nas moléculas de proteínas. Mas, por que digo que esse lugar específico é “perigoso”?

Antes de mais nada, podemos dizer que a cadeira é perigosa, *depois* de haver-nos sentado nela. Digo que o lugar *é* perigoso porque eu havia ficado *exposto*, porque a casa que habitava havia ficado *sem sustento*: havia ficado à intempérie, sem teto nem reparo algum, exposto ao forte vento que soprava do deserto. Ainda mais, posso dizer que o lugar é perigoso à segunda potência: ali, o “perigo” que corremos não é só de ficarmos expostos, mas de Sermos/des-cobertos. “Cadeira perigosa” é o ponto mínimo de máximo poder na trajetória da vida humana: ponto-sem ponto de incêndio da matéria, de reversibilidade de todos os valores, de verdade do ser.

Estamos vivendo uma catástrofe de iluminação essencial: o Mesmo fogo cósmico, que ardeu pela primeira vez no deserto do Novo México, *in-flama* como fogo místico o coração do homem. Não é fácil descobrir a dupla face da luz que ingressa. O signo do Tempo mudou, mas nós continuamos pensando por trás dos véus

---

<sup>4</sup> Octavio Paz, *El Mono Gramático*, Barcelona, Seix Barral, 1995

das antigas formas, sob a sombra dos antigos deuses e da sedução dos modernos mitos. Apesar de tudo, aprendemos algo no acelerado movimento da “onda que volta”: experimentamos em carne própria os efeitos de uma economia de desamparo, a ruptura do vínculo de solidariedade social, o impacto dos retrovírus que atacam nosso sistema imunológico. Sabemos que morremos, pouco a pouco, todos os dias: por excesso de informação, por angústia existencial, por inversão de sentido, por acúmulo de lixo. Talvez tenhamos tomado consciência de que fazemos parte da grande caravana dos “mortos que têm morta a alma e ainda vivem”. Morte por implosão! Tudo isto, nós o sabemos, de uma ou de outra maneira. Sabemos que a “onda de volta” nos traz à proximidade de nós mesmos. Mas, como diria Erich Fromm: “Temos medo da liberdade” e nos detemos ante o *Mysterium* da “Cadeira Perigosa”.

Na Aldeia Global, na escola, na empresa, na família, na igreja... todas as cadeiras estão ocupadas, menos uma. Todos os lugares têm nome, menos um: eu vacilo em ocupar aquele que está vazio. Tenho medo de ocupar a cadeira que possa revelar meu verdadeiro nome. Medo de Ser/des-coberto, medo de que, em lugar de encontrar a liberdade da alma e a verdade do ser, possa encontrar-me com o Nada.

De um ou de outro modo e com desigual medida, ao término do caminho do “certo”, todos somos trazidos “de volta” ao umbral do “In-certo”. E esta “retirada em massa” para uma fronteira crítica de incerteza existencial adquire hoje caráter dramático pela aceleração da corrente de energia “inversa”. Enigmática jogada do Destino na Galáxia Humana em In-plosão. Poderosa Força que “desde o mais longe que o longe”, arrasta o Homem ao “mais perto que o perto”: a um ponto de interioridade essencial onde o Verbo pode revelar-se a Si-mesmo, já não como verdade metafísica do ser, mas como “fogo sagrado” que incendeia a matéria escura. Esse ponto interior de “incêndio da matéria humana” marca a fronteira entre os pisados caminhos do *logos* terrestre e as primeiras cintilações da consciência cósmica.

Por que falo de fogo A-tômico no coração?

Porque o sentimento unitivo que se revela hoje como *clarossentir* no coração do homem, não vem por intuições da alma, mas por transmutação dos elementos. “Coração A-tômico” é a “Cadeira Perigosa” onde os elementos materiais e espirituais

mantêm o “fogo sagrado” da Vida única. Aqui, já não falamos de poesia mística, mas de “fogo místico”. Já não de Filosofia ou de Teologia da Libertação, mas de “energia de fusão”. Já não de Dialética da História, mas de *reversibilidade de valores*. Já não dos escribas que ficaram no Egito, mas da vanguarda que cruzou o Mar Vermelho.

Hoje, essa mesma vanguarda  
encabeça a retirada em massa do povo  
pelo “caminho de volta”  
às terras baixas do Egito.

No “caminho de ida”, Moisés sobe sozinho ao Sinai: “Tu marcarás para o povo, um limite ao redor” (Êx. 19:12)... E o fogo sagrado ardeu no cume do monte. No “caminho de volta”, na Galáxia Humana em In-plosão, na “retirada em massa”, o mesmo fogo A-tômico incendeia a matéria no coração do povo.

Foi-nos dito: “Guardai-vos de tocar o limite...”

O homem moderno tocou esse limite...

A partir daqui, ao atravessar essa fronteira,  
produz-se a reversão de todos os signos.



# REVERSIBILIDADE DE VALORES

A Terra se tornou inóspita e muitos se perguntam se ainda é morada para o homem. A revolução que vem já não será por um pedaço de pão ou por uma parcela de terra, mas por um fogo sagrado, para mais vida.

Há sintomas preocupantes de debilitamento da potência evolutiva da Raça<sup>5</sup>. Não é a primeira vez. A crise atual não é fundamentalmente política ou econômica e sim *energ-ética*. A genética evolutiva nos informa que, em épocas anteriores de desenvolvimento, as formas primitivas da vida enfrentaram uma crise energética e que, para continuar a caminhada, tiveram que recorrer a novas fontes de energia: salto da fermentação da matéria orgânica à fotossíntese. Quem foram os *mensageiros* desta (e de outras) transições coevolutivas? Uma vanguarda: as moléculas inteligentes da vida!

E agora, em escala humana, o que fazer quando a própria terra está esgotada e a água da fonte já não é suficiente para saciar a sede?

O que fazer quando as mães vendem seus filhos por um prato de comida e quando os jovens se lançam à rua para saciar com álcool, com droga, com violência, a falta de sentido da vida?

Os economistas, os políticos, os pastores de almas não têm resposta para estas perguntas.

Ir a outros planetas, outros sóis, outras galáxias?

Não. São as galáxias, os sóis, os planetas, os que vêm a nós... e perguntam por nós!

Fomos longe demais, perguntando pelo homem, pelo Universo, pela vida: liberação da energia atômica, rede informática planetária, engenharia genética, viagem às estrelas? Só viagem de “Ida”: a metade da fórmula. A “outra metade”, a pergunta pelo sentido, já não é uma pergunta: é uma “força”, uma onda de “Volta” que nos de-volve a nós mesmos, indicando-

---

<sup>5</sup> O termo *Raça* não se aplica, no contexto deste livro, a uma classificação étnica, senão que se refere a etapas de desenvolvimento humano (ver *Filosofia Rácica*). (nota da tradução)

nos outra tarefa, outra missão, outro destino. Não há caminho lógico nem método experimental que nos conduza ao desvelamento do rosto velado do *logos* que nos olha.

Trata-se de uma intuição/sensível que “vem” a nós, em forma inopinada: sentimento cósmico primordial que deixa sua “pegada” inteligível nas moléculas da vida. Começamos hoje a perceber por dentro, ainda em forma confusa e sem poder traduzi-lo em teoria científica, este “sentimento cósmico de unidade da vida” que talvez seja a nota vibratória que abre o caminho para a inteligência/’*sentinte*’ dos homens e das mulheres que vêm.

Da dialética dos opostos, à *Reversibilidade de Valores*.

Chegamos à Lua e os astronautas voltaram à Terra: mas não encontramos ninguém. Proeza de uma vanguarda técnica, sem dúvida: mas não conseguimos romper o isolamento cósmico do homem. Cedo nos daríamos conta de que a chave de liberação que procurávamos não estava no poder inteligente dos laboratórios espaciais, mas no fogo A-tômico do coração: o sentir profundo que agita as águas da vida nos diz que, “para ter vida”, é necessário liberar uma energia fundamental que faça possível sustentar os edifícios atômicos da matéria em níveis mais elevados de consciência: “porque estamos morrendo por falta de vida”. Mas, já não liberamos a energia atômica? Sim. Mas não é suficiente: é só “vontade de poder” (a metade da fórmula). Para “mais vida”, é necessário liberar o poder inteligente do coração: uma força até agora desconhecida que *unifique*, em uma mesma Geometria Sagrada, a “vontade de poder” e a “consciência de significado”. É como se esse “movimento totalizador” da Vida, essa unidade de sentido entre ser e não-ser, essa ponte invisível entre o Espírito e a matéria, essa “equação divino/humana” que não pode ser formulada através das teorias de campo unificado da Ciência, através da dialética da História, através da metafísica da Metafísica, viesse a ser revelada pela atividade do Fogo A-tômico em um coração humano em In-plosão. Já não é outra ideia, outro sentimento, outra visão: de repente, surgiu outra fisiologia, outra vanguarda.

Outra vanguarda?

Sim, é uma vanguarda que *avança/retirando-se*: outro ritmo, outra pulsação, outra energia, outra configuração atômica da matéria. Já não uma vanguarda científica, técnica, política, mas uma vanguarda gen-ética que, desde a câmara secreta do

coração, confere sentido à ciência, à técnica, à política: transfiguração social do Verbo. Outra vanguarda?

A Mesma vanguarda que cruzou o Mar Vermelho e se lançou ao deserto “em busca do certo”, “volta” hoje como estirpe mensageira (ARN mensageiro?) para abrir “outro” dos selos do livro hermético da Vida e para guiar o homem cósmico recém nascido pelo caminho In-certo de “outra” Noite sem estrelas.

A partir de 1945, com a ruptura dos recintos atômicos da matéria, a mensagem de liberação que havíamos cunhado em nossa longa peregrinação terrestre sofre uma “torção ontológica” (se me é permitido falar desta maneira). Torção que se reflete não só como nova configuração de signos no mundo das ideias, mas como mudança na geometria qualitativa das moléculas da vida. Não havíamos percebido: havíamos sido expulsos de nossa antiga morada terrestre por um violento “tornado” de transformação do mundo. Só vimos a explosão do fogo cósmico que ardia sobre a Terra, mas nosso coração havia sido “tocado” por uma onda de in-plosão ultrafísica e também ardia: com outro combustível, com a ultramatéria destilada da vida.

O Fogo A-tômico havia transformado o antigo coração de carne em Coração atômico: reator de “fusão” que, ao in-corporar em uma Única chama os valores materiais e espirituais, *in-prime* na matéria um Código gen-ético de *Reversibilidade de Valores*.

O Evangelho de São João anuncia o início do Éon cristão com uma abertura cosmogônica: “E o Verbo se fez carne” (Jo. 1:14). A era informática fecha suas linguagens codificadas com uma mensagem logotécnica: “O Verbo se fez informação”. O tempo que advém desenha no céu uma nova constelação de signos: “Transfiguração Social do Verbo”.

# PRINCÍPIO DE IN-PLOSÃO

## Somos golpeados pela luz que ingressa

Foi liberado no mundo do homem um “poder” que o homem não domina: “energia de in-plosão”. A bomba H havia se adiantado: como “modelo analógico por implosão”. Assistimos (a-sombrados) a uma crise de instrumentos para decifrar o código de sentido da Galáxia Humana em In-plosão. Ao dizer “crise de instrumentos” não me refiro somente à insuficiência de teorias e doutrinas para interpretar o mundo em que vivemos e sofremos, e sim à cegueira de nossos próprios olhos ao serem golpeados pela forte luz que a-sombra: colapso da antiga fisiologia.

O mundo se tornou perigoso: os “homens sábios” têm mais perguntas que respostas. Não abrir os olhos a tempo – outros olhos? – pode ser-nos fatal: corremos o risco de projetar nossos sonhos em utopias sociais e espirituais, sem suporte humano para resistir aos fortes ventos do deserto e aos devastadores furacões da História.

Princípio de In-plosão?: algo assim como um parâmetro cosmogônico que opera como “regulador de sentido” no espaço de jogo do tempo. Caminho in-certo: só conseguimos reconhecer uns poucos sinais.

## Fisiologia humana em clave de In-plosão

O grande desafio para a inteligência do homem vindouro é descobrir as *leis* do violento torvelinho de forças que nos arrasta ao “olho” da tempestade. Não só grandes edifícios são hoje derrubados por bombas de implosão: também o homem (sua própria fisiologia orgânica) desmorona por esvaziamento de sentido e in-plosão de massa. Ainda não conhecemos as leis destas “catástrofes” (individuais e sociais), nas quais a vida se volta contra a vida. E fica flutuando uma pergunta: será possível reverter esta potencial energia inversa, em expansão de

consciência? Dito de outro modo: será possível liberar “energia humana de in-plosão”, controlada?

A interação que já se estabeleceu entre nossa própria fisiologia individual e a dinâmica intrínseca da Galáxia Humana em In-plosão nos leva ao desvelamento de novas con-figurações da vida. Começamos a descobrir secretas relações entre “matéria”, “poder” e “sentido”: estranhas ressonâncias entre um “meio tecnossocial” que já vibra em escala cósmica e nossa genética molecular que procura a “nota-chave”, para responder (em clave gen-ética), às novas funções por nascer.

Ressonância cosmo-fisiológica.

Onde antes víamos pessoas, agora ouvimos forças: muitos acontecimentos que antes transcorriam lentamente no espaço do tempo da História, transfiguram-se hoje *subitamente* em catastróficos ritos de poder. Os atores sociais e políticos são devorados pelo drama, antes de entrar em cena. O sistema imunológico colapsa, antes de combater... No entanto, toda esta reversão de efeitos sem causa é só a face “catastrófica” do movimento de in-plosão. No ponto crítico de incêndio da matéria

a in-plosão de massa de *semsentido*

se reverte em nascimento de *sentido*.

O mundo se tornou estranho: fala em clave “hermética”. O mensageiro portador da mensagem já não é o *logos* da Filosofia grega nem o *logos* da Hermenêutica cristã: volta a ser “Hermes” (mensageiro de antigos *mistérios*). Dito em linguagem técnica:

é “outra” a ferramenta

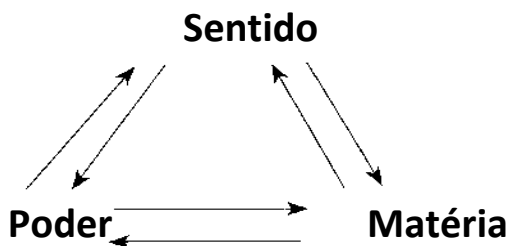
de interpretação do mundo.

Não outra lógica, outra dialética, outra metafísica, mas outra “fisiologia”:

fisiologia humana

em clave de ressonância cósmica.

Para aproximar-nos de uma *theoria* que nos permita, de algum modo, entender (se ainda for possível falar aqui de “entender”) – nesta busca do certo no caminho do in-certo, para dispor, ainda que mais não fosse, em forma precária, de alguma “chave de interpretação” que nos permita aproximar-nos da leitura de uma realidade viva, cujo código gen-ético se oculta por trás do véu do “princípio de in-plosão” – ocorre-me traçar um diagrama de fluxo de forças, entre “matéria”, “poder” e “sentido”, sabendo de antemão que não se trata de estabelecer relações lógico-matemáticas no mundo fenomênico, mas de intuir estruturas simbólicas de princípios cosmogônicos.



Como traduzir esta matriz de princípios gerais para a fisiologia orgânica do homem individual, para que o homem participe com sua própria vida da grande sinfonia cósmica?

Moléculas-mensageiras do Espírito

traçam a ponte

entre o céu e a terra.

Uma obra de arte!

# RUPTURA DE SIMETRIA DA MATÉRIA HUMANA

Já não vivemos no mesmo corpo. O fato de termos dito isto várias vezes não quer dizer que tenha ficado de todo claro. Já não podemos falar de materialismo nem de espiritualismo, porque o próprio código da matéria viva, sua estrutura molecular, flutua entre o Espírito e a matéria: existe “matéria humana” que vibra acima ou abaixo da linha de flutuação que, não faz muito mais de cinquenta anos, considerávamos como “média estatística” da evolução da matéria do homem terrestre. Hoje, não só o “sentido do corpo” (se pudermos chamar assim o novo sentimento vital) é “outro”, senão que o campo vibratório do corpo determina a medida da comunicação. Tentarei explicar-me.

Entramos em uma fase do mundo, marcada pelo “paradoxo da comunicação”. Pessoas semelhantes, com a mesma cosmovisão, que antes se entendiam, hoje não se entendem: têm a mesma ideologia, os mesmos sentimentos, pertencem ao mesmo partido político, à mesma organização social, à mesma comunidade científica, ao mesmo credo religioso, mas no profundo, no íntimo, no essencial, não se comunicam. Têm as mesmas ideias, mas o “estado da matéria” é outro. Paradoxo do mundo técnico: na era das comunicações, crise de pertinência por incomunicação.

Dito de outro modo: na Galáxia Humana em In-plosão, a comunicação virtual (informação) substitui uma gigantesca transferência de energia, da fisiologia humana para o meio tecnológico, com o correspondente empobrecimento do sistema imunológico, com implosão de massa viral (HIV). Também empobrecimento da inteligência humana, com irrupção de inteligência artificial e substituição do amor que comunica, pelo simulacro que paralisa. Em poucas palavras, a expansão do mundo técnico é paga com energia humana de in-plosão: dívida interna em aumento. Mas, isto não quer dizer que tudo esteja perdido para o homem nem que tenhamos conquistado o mundo

e perdido a alma: outras vozes se levantam ao fragor da “cidade dolente”.

Em meio à poderosa corrente de energia cósmica que nos arrasta para a enigmática fronteira do mundo conhecido e, como face in-versa da civilização *técnica* em expansão, começamos a ouvir o contraponto de uma sinfonia *mística* de ultracentralização de forças que nos traz de novo ao Lar: peregrinação silenciosa da Humanidade ao centro espiritual do mundo. Em meio ao ruído das diferentes línguas em dispersão, começamos a ouvir o silêncio de um lugar sagrado de re-União, onde o povo em diáspora canta uma mesma Língua. Por que digo “ultracentralização”? Porque esse “Centro” não é um lugar que possamos predeterminar em função de coordenadas do pensamento, mas sim, pre-sentir como morada secreta (in-determinada) do coração. Mística de antecipação? Talvez possamos dizer *sim*, fazendo a ressalva de que, a própria palavra “mística”, reduzida habitualmente a significação religiosa, não consegue expressar a *Unidade* de sentido de “todas” as forças que hoje procuram o caminho real para encontrar-se no Mesmo templo. E “todas” as forças não são somente as forças do homem, do tempo, da História: também são as forças do Céu, da Terra, do *Mundus Subterraneus*.

Modelou Deus o homem,  
da argila

e inspirou-lhe no rosto  
alento de vida. (Gên. 2:7)

O que nos acontece hoje, por dentro? Com que “argila” está o Verbo modelando o rosto do novo homem? Talvez, sem dar-nos conta, estejamos nos antecipando à criação de “matéria” do homem vindouro:

Prot-agonistas de uma nova História?  
Criação de nova “matéria humana”?

Trata-se de criar “matéria supercondutora” que ofereça muito pouca resistência à passagem da luz: que facilite a *comunicação*, não só na esfera do pensamento humano, mas entre os reinos que vibram acima e abaixo do homem, os quais, pre-sentimos,



querem comunicar-se com o homem. Como se realiza esta transmutação alquímica da matéria, no grande laboratório da experiência humana?

Tudo me faz pensar que, em níveis subatômicos da vida, a “matéria escura” e a “matéria radiante” colidem por in-plosão de sentido, gerando “energia de fusão controlada”. Dito de outro modo: começamos a observar uma convergência de signos entre as grandes correntes sociais e espirituais do mundo, onde a matéria destilada do monge e do operário, do sábio e do ignorante, das crianças que vão à escola e dos animais que são levados ao matadouro, toda esta “matéria” da vida, transformada pelo conhecimento, pelo trabalho, pela renúncia, pelo sacrifício, arde hoje, em maior ou em menor medida, no fogo de transfiguração de um mesmo Verbo.

Nos últimos dois mil anos, a “matéria social” sofreu profundas transformações estruturais: através de guerras, revoluções, intercâmbio entre culturas, migrações de povos, radiação atômica, vento solar, assalto de bactérias carnívoras e vírus assassinos, sacrifício cotidiano dos inocentes... Hoje, desembocamos em uma “crise do mundo moderno” que já não é só crise de ideias, colapso de valores, esvaziamento de sentido, mas desmoronamento (ou retirada) do código sagrado de sustento da vida social: *mutação* de funções orgânicas, *corrupção* de matéria, *expulsão* de milhões de seres humanos, não só do mercado de trabalho, mas do círculo da vida. A “matéria social”, em virtude de seu próprio processo de transmutação alquímica, transformou-se em um novo “Caos” primordial por in-plosão de massa: “matéria escura”, prima-matéria (argila-mãe), plasma germinativo, “Matriz” que pode dar albergue a novas concepções do amor, do conhecimento, da vida. Nesta *Mater-matéria*, que emerge das águas profundas como Terra Prometida da Vida, dá à luz o “primeiro nascido” (Primo-gene) de um novo *Sol*. E a luz deste novo Sol descobre as sombras da antiga Terra. Partição das águas, bifurcação de caminhos: “matéria radiante”/“matéria resíduo”.

E chegam as perguntas. De onde vem este fogo alquímico que investe por in-plosão sobre a matéria humana? Quem é este Sol que ilumina a Mãe-Terra? Como se realiza o *opus transmutationis* da matéria social? Com quais instrumentos poderíamos diferenciar a matéria “nobre” (que “brilha como o sol”) – da matéria “corrupta” (que nos leva à “*nigredo*”)? Não é fácil

responder a estas perguntas. Tampouco para os cosmólogos é fácil diferenciar uma galáxia de matéria, de outra galáxia de antimatéria. Chego a perceber que, quando pergunto deste modo, a própria lógica do perguntar me fecha o caminho para a resposta. E então? É preciso responder, antes de perguntar! Antes que eu me perca pelos ramos da árvore do conhecimento, respondo ao in-pulso que me fala desde a raiz da Árvore da Vida.

Já não vivemos no mesmo corpo de antes de 1945. Tampouco na mesma terra ou no mesmo céu: o meio cósmico é “outro”. A “massa crítica” de fissão e a “temperatura crítica” de fusão já não são somente parâmetros quantitativos de determinados estados da matéria física, senão que começamos a descobrir as contrapartidas “qualitativas” dessas chaves simbólicas. A matéria humana se faz “físsil” ao chegar ao limite de peso atômico existencial: excesso de riqueza, de conhecimento, de gasto, e a matéria social entra em implosão de massa ao alcançar “temperaturas críticas” de antissentido.

Não podemos continuar avançando por via teórica, neste delicado tema da “transmutação-transfiguração” da matéria humana: corremos o risco de não sermos compreendidos e, ainda mais, perigo de sermos mal interpretados. Porém, da própria observação da vida cotidiana, surgem algumas reflexões que talvez nos conduzam a uma teoria mais elaborada. Vemos no mundo de hoje uma “matéria escura” que se faz cada vez mais escura, que “descende” aos baixos fundos da vida por aumento de entropia, perda de energia livre, esvaziamento de sentido: filhos da sombra que assassinam seus próprios pais na cidade violenta. Mas também nos ilumina uma “matéria luminosa” que “ascende” por neguentropia, por liberdade interior, por radiação de sentido: filhos da luz que dão vida a seus pais com a energia de seu próprio sacrifício. E voltamos a perguntar: criação de uma nova “matéria” humana?

Acaso não nos demos conta  
de que a Humanidade em massa (por In-plosão de  
massa)

está gerando um “novo estado da matéria”?

Como em outras grandes catástrofes cosmogônicas, uma  
*matéria destilada* da vida (vida não só humana: também dos

demais reinos) é “elemento” precioso que mãos invisíveis levam como oferenda de boda ao fogo místico do Espírito: outro *início*.

# PONTO CRÍTICO DE REVERSÃO DA FORÇA NO JOGO DE FORÇAS DA VONTADE DE PODER

Na Galáxia Humana em In-plosão, mudam as regras de jogo daquilo que, até agora, entendemos como, em termos filosóficos, “vontade de poder”: a técnica moderna introduziu em suas “equações de mundo” uma chave de poder, desconhecida pelos filósofos da vontade de poder. Essa “chave de poder” nos aparece hoje como enigmática “chave” de poder, cujo código inteligente nos escapa das mãos: não sabemos “quem” possui a chave codificada do poder que governa nossas vidas nem “como” opera seu cérebro cibern-ético, no jogo de forças da vontade de poder.

*Não conhecemos as regras de jogo  
da vontade de poder*

*mas o que sim, sabemos,  
é que nesse jogo se vai nossa vida.*

Já não perguntamos pela natureza do poder e sim, pela direção da força. Nem sequer perguntamos pela “cidade dolente” e sim, para onde nos leva a corrente. Não é fácil responder hoje a esta pergunta pela “direção da força”. Quem sabe o fosse, quando ainda predominava em nosso pensamento uma certa “lógica” do vivente (paradigma de racionalidade do mundo: o “lógico” era que nossos anticorpos nos defendessem de agressores estranhos a nosso organismo). Talvez, nessa fase de equilíbrio *ecológico* da vida, ainda pudéssemos pensar que a vontade de poder estava em nossas mãos, ou pelo menos, nas mãos de nosso poderoso sistema imunológico. Mas, o que acontece hoje, quando nossos próprios anticorpos nos atacam, quando eles são os predadores e nós os “estranhos” (enfermidades de autoimunidade)? Quando a vida se volta contra

a vida, tanto na fisiologia individual quanto no corpo social, temos que reconhecer que se produziu uma “inversão na seta de poder”. Frente a este “duplo movimento da Força” (representado alegoricamente em antigas cosmogonias e que hoje começamos a reconhecer no mundo do homem), transições de fase entre criação e destruição, saúde e doença, expansão do luminoso e in-plosão do maldito, frente a esse “giro” súbito da Força, não nos fica mais remédio que reconhecer que

perdemos a “chave filosófica”

para decodificar o enigmático movimento  
da “vontade de poder”.

O *Sentido* do poder nos escapa das mãos. Já não dispomos de uma filosofia ética da vontade que seja eficiente para governar nossas vidas: o poder se tornou “autônomo”, separado, desconectado do núcleo simbólico de sentido. Lançado em linha reta, já não pode voltar a beber sentido na fonte da vida.

A vontade de poder, lançada em linha reta, só pode conduzir-nos ao domínio técnico da Terra. Cumpru-se a profecia de Nietzsche: “Aproxima-se o tempo em que o domínio da Terra será disputado. E a disputa terá lugar em nome de doutrinas filosóficas fundamentais”. Durante o século XX, estas “doutrinas filosóficas fundamentais” mudaram várias vezes de rosto, mas a vontade de poder continuou sua marcha em linha reta, em direção a um destino que parece inexorável: o domínio material da Terra e o esvaziamento espiritual do homem.

Ao escrever estas linhas (abril de 1997), encontro-me com a visita de Ray Bradbury à Argentina. Paradoxal, o autor de *O Homem Ilustrado* falou-nos de “obscurantismo” e de “ignorância organizada”: “Colocamos demasiada atenção nas coisas técnicas, mas não no que é criativo... há uma fascinação pela Internet, que é um brinquedo: para investigar é muito bom, mas não ensina a criar. Necessitamos de livros e de melhores professores”. Magnífico, digo eu, o pensamento deste adiantado da conquista do espaço. Mas acontece que o súbito movimento de In-plosão da Galáxia Humana (que nos trouxe a um ponto crítico de proximidade conosco mesmos: “mais perto que o perto”) deixou-nos sem tempo para livros e sem ouvidos para professores. Dito em outros termos: a “catástrofe por in-plosão de massa de

informação” nos permitiu tomar contato com a Outra face da vontade de poder. Qual é essa “outra face” da Força? Eu diria que não é precisamente “outra” face, senão que é o próprio Poder que se revela ao homem, ocultando-se como vontade de Poder.

Talvez o signo mais relevante e, ao mesmo tempo, mais obscuro da era que se inicia seja a confrontação da vontade de poder com o próprio Poder. Existe aqui, nesta confrontação de forças, um ponto crítico de reversão da Força que passa habitualmente despercebido para o cálculo de forças da História. O desvelamento da “chave de sentido” desse Poder, que se revela/ocultando-se por trás do véu das diferentes manifestações da vontade de poder, já não vem através da teoria do “homem ilustrado”, mas pelo “sacrifício dos inocentes”.

E surgem as perguntas. Qual é a direção do tempo, na longa caminhada do homem? Caminhada em linha reta, em direção ao “fim da História”? Ou retorno à “casa do ser” (como diria Heidegger) para um novo “início”? Dilema já não metafísico e sim, cosmogônico. Quem tem na mão as chaves do reino? A vontade do homem que luta contra o homem para possuir a Terra (caminhando em linha reta) ou o núcleo de sentido da “Galáxia em In-plosão” que faz girar em sentido in-verso o coração do homem, para liberar a energia aprisionada pela vontade de poder? Leio em um jornal (4 de abril de 1998): “O guarda de uma empresa, agente de segurança e vigilância da mesma, enfrentou-se com dois delinquentes jovens que haviam penetrado no local com fins de roubo. E, com certeiros disparos, deu-lhes a morte. Umas cinquenta pessoas que se haviam congregado frente ao edifício, indignadas pela onda de assaltos na zona, aplaudiram e aclamaram o guarda, enquanto este era retirado pela polícia”.

Simple notícia policial ou interrogante paradigmático que surge da confrontação de forças na cidade violenta? Com quem se enfrenta o guarda? Com dois jovens que vão roubar ou com o Poder maldito de toda a sociedade que, por “implosão de massa social” se personifica nos jovens delinquentes? Trata-se simplesmente de uma confrontação do bem e do mal, da justiça contra a injustiça? O “guarda” é um “herói social” aplaudido, que defende o patrimônio social, em nome da lei e da justiça? Ou é “vítima sacrificial” do Poder, junto com os dois delinquentes abatidos: testemunhas silenciosas de uma mesma “injustiça

social”? Na confrontação com o Poder, o guarda ficou com vida. Mas, quem o salva dos tribunais, do julgamento, da insegurança de sua própria vida?

Em épocas sombrias da História, na hora de decadência dos impérios da Terra, quando os sacerdotes perdem a palavra sagrada e os guerreiros depositam a espada libertadora aos pés dos mercadores, quando homens e mulheres dessacralizam as funções essenciais da vida e as crianças terminam alimentando-se de lixo... quando a energia espiritual que trans-figura o mundo já não é liberada pela liturgia do sacrifício simbólico, a Vida (com maiúscula) escolhe “outro” caminho.

Voltaram os deuses cruéis e foram ainda mais cruéis. Para assegurar o “desenvolvimento sustentável” da sociedade econômica e o domínio político dos novos senhores da terra, os novos deuses exigiram o restabelecimento do culto dos “sacrifícios humanos”: milhões de seres humanos são arrojados, todos os dias, ao desemprego, à marginalidade social, à desesperança, à imolação nas câmaras de tortura... e tudo isto, em nome de doutrinas de segurança nacional, economias de mercado, desenvolvimento tecnológico. Quem são os sacerdotes deste rito sacrificial encoberto? Quem são as vítimas escolhidas? Qual é o código secreto destes poderes que, em nome da vida, alimentam-se da morte?

Não podemos responder a estas perguntas desde o marco teórico que tínhamos até agora para interpretar o mundo. Porque o próprio mundo sofreu uma mudança qualitativa que escapa a toda interpretação. Tudo me faz pensar que, quando se fecha o caminho que conduz à verdade e à vida, a própria Vida (*in-extremis*) libera energia de enlace espiritual, por implosão de massa social. Outra é, então, a lei do sacrifício e outra a natureza da vítima imolada no altar. Qualquer de nós pode ser o pão e o vinho da oferenda se, ao ficarmos à intempérie, transformados em símbolo, formos escolhidos como vítima propiciatória. Muitos crimes aberrantes já não são crimes: são “ritos” de compensação de forças morais, entre mundos diferentes. Muitos desequilíbrios sociais – desemprego em massa, droga, tráfico de órgãos, prostituição infantil, corrupção política, violência estudantil – já não são “sociais”: são rostos malditos de um antissistema que deixa expostas as máscaras sedutoras do sistema. Muitas das chamadas “enfermidades de autoimunidade” nem sequer são doenças: são implosões de antissentido, quando a vida se volta

contra a vida. Quem é o “culpado” de todo este desajuste ecológico-espiritual que hoje des-estabiliza o mundo do homem? E a resposta não tarda em chegar: *todos* somos “prot-agonistas” de um drama sacrificial de fim da História, que *inicia* uma nova História.

O descobrimento do ponto crítico  
de “reversão da Força”

na própria fisiologia humana

é o grande desafio que hoje temos diante de  
nós

para liberar as forças da vida  
que ficaram aprisionadas  
no campo magnético da vontade de poder.



# NASCIMENTO GEN-ÉTICO POR PRINCÍPIO DE IN-PLOSÃO

Dizer “nascimento”<sup>6</sup> é como querer dar nome à chispa germinativa que *nasce* por incêndio da matéria humana em In-plosão: falta-nos palavra para nomear o recém nascido que “ilumina” a noite do mundo.

Não se trata de iluminação:

trata-se de *nascimento*.

Despertamos à luz do dia através de um misterioso in-pulso que ressoa na escura noite: qual é o “nome próprio” deste novo ser que acaba de nascer?

Em épocas críticas de desmoronamento de mundos e de catástrofes da vida, a Ave Fênix renasce de suas próprias cinzas. A tradição espiritual nos fala de “salvo das águas”, “iluminação”, “segundo nascimento”. Os teóricos da evolução utilizam outras figuras de linguagem: “Há uns mil e quinhentos ou uns dois mil milhões de anos, quando ainda havia pouco oxigênio na Terra, uma bactéria primitiva, que vivia mal na fermentação anaeróbica de moléculas orgânicas, absorveu uma célula menor, a qual havia adquirido a capacidade de respirar. O acontecimento constituiu um ponto crucial na evolução orgânica. A respiração libera muito mais energia que a fermentação”<sup>7</sup>. Hoje, encontramos-nos em uma destas fronteiras críticas da vida humana sobre a Terra, na qual também há “pouco oxigênio” e na qual, milhões de seres humanos “vivem mal”, alimentando-se de lixo.

Não só de informação vive o homem, tampouco de pedras transformadas em pão (mensagem de salvação da técnica). Nem

---

<sup>6</sup> No original (Espanhol), a palavra usada foi ALUMBRAMIENTO, que significa, ao mesmo tempo, nascimento e iluminação. Daí o jogo de palavras que foi possível ao autor neste capítulo. (*nota da tradução*)

<sup>7</sup> Leslie A. Grivell, “ADN mitocondrial. Genética Molecular”, *Investigación y Ciencia*, Barcelona, 1987, pg. 12.

sequer o “segundo sistema genético” (mitocondrial) junto ao ADN nuclear – “revolução energética” – é suficiente para superar a degradação de energia que põe um limite ao desenvolvimento evolutivo do homem. A revolução da ciência, a revolução social, a revolução tecnológica, nenhuma dessas revoluções, impulsionadas por uma vontade de poder, desvinculada do núcleo simbólico de sentido da vida, pode romper a barreira de antissentido que hoje fecha o caminho para um contato real e efetivo da matéria humana com o fogo criador da consciência cósmica. É “outra” a chave para sair da prisão da antiga terra.

Quase me animaria a dizer  
que as revoluções da alma chegaram  
a seu fim.

E que o ciclo cosmogônico que se inicia  
está marcado pela transfiguração Gen-ética  
da matéria.

Advento-transfigurativo:

A Mesma Voz que um dia nos disse: “Faz-me um santuário e habitarei entre eles” (Êx. 25:8), o Mesmo Verbo que “veio aos seus, mas os seus não o receberam” (Jo. 1:11), o Mesmo Sopro que “dividiu as águas do Mar Vermelho e abriu o caminho para a liberação” (Êx. 14:21), essa Palavra ígnea que cria e destrói os mundos... “volta” hoje a habitar *em* nós: in-screvendo outro código de sentido nas moléculas da vida.

Já não podemos interpretar o mundo com o código da antiga lei. Por fora, tudo parece igual, mas “tingido de ilusão”. O simulacro substitui o real: o drama existencial devora seus próprios atores. De repente, um sacerdote, um cientista, um governante, um professor... se dão conta de que não têm nada a dizer. De repente, uma molécula, um vírus, um gene... mudam de código e se produz uma catástrofe: a morte substitui a vida. De repente, em uma igreja, em um partido político, em uma empresa, em uma família, os que *estão* não são e os que *são* não estão. Na escala da atual sociedade de massa, este “esvaziamento de sentido” que acompanha a corrente de energia inversa na Galáxia Humana em In-plosão (maré baixa das funções da vida) vai deixando expostas as pedras que descansam no leito do rio: restos fósseis de civilizações perdidas, resíduos

mineralizados de antigos corpos. E fica flutuando uma pergunta. Só restos de um naufrágio coletivo? Ou função biológica de um “refluxo de sentido” em escala cosmogônica, que opera como detonante de fusão alquímica no seio da matéria?

Começamos a descobrir o *sentido*

da In-plosão de *antissentido*.

Dito de outro modo: o “esvaziamento de sentido por in-plosão de antissentido” já não viria somente a caracterizar a angústia existencial do homem moderno, senão que irromperia na Galáxia Humana como ingrediente catalítico de expansão de consciência: “Pai, por que me abandonaste?”.

O esvaziamento de sentido, vivido sem resistência, até alcançar a consumação de antissentido no fundo da alma, o desamparo cósmico experimentado como sentimento de vazio in-corporado na matéria (sentimento tangível de vazio cósmico), este *estado* de “casa sem sustento” nos abre o caminho para insuspeitadas regiões do Universo e da vida. Ruptura de simetria por In-plosão. Ponto crítico de reversão do poder.

De repente, uma explosão no coração,

a última viga que sustentava o teto da casa  
veio abaixo,

um resplendor de consciência cósmica  
ilumina um corpo que não existe.

Entramos em outro espaço generativo: aqui, as leis são “outras”.

De uma ou de outra maneira e com desigual medida, na luz e na escuridão, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença... aquela transição de fase que os místicos de todos os tempos experimentaram na alma (consciência iluminativa), nós a estamos vivendo hoje – todos nós – no corpo (consciência de transfiguração radiante da matéria).

O novo Éon se inicia com uma cintilação de consciência cósmica que ilumina as grandes águas da vida: “Uma resplandecente luz se fez dentro de mim!”, exclama Einstein, ao

desvelar subitamente a misteriosa geometria do Universo. O próprio Einstein declararia, anos mais tarde, que a chave para o desenvolvimento da Humanidade vindoura consistiria em manter vivo este “sentimento de religiosidade cósmica”. Não foi um acontecimento isolado nem só uma gloriosa visão intelectual no curso das revoluções científicas. Era um “sinal”: o vestígio visível de uma estrela invisível, que estendia uma ponte entre o céu e a terra. Einstein não foi o único mensageiro a receber a mensagem da Estrela: vieram outros mensageiros (e foram muitos os técnicos que fabricaram a bomba de fissão e a bomba de fusão). Mas o sentimento de religiosidade cósmica que comoveu a alma da primeira vanguarda do deserto ficou velado pela vontade de domínio dos senhores da antiga Raça.

Indubitavelmente, as primeiras cintilações de consciência cósmica, a iluminação da alma coletiva, a suave brisa de um sentimento de religiosidade cósmica, que falava em outra língua ao coração do homem, todos estes sinais anunciadores da irrupção de um novo sopro do Espírito nos esgotados caminhos da História não foram suficientes para encarnar o Espírito na matéria e transformar a vida. A própria ideia de “encarnação do Verbo”, princípio raiz do Éon cristão, ficou reduzida a reverência devocional ou transferida ao inconsciente coletivo, como arquétipo numinoso. Mas, o raio divino não se detém em sua trajetória e a Humanidade, tocada pelo fogo do Espírito, começava a experimentar em carne própria um dilaceramento de nascimento, antes desconhecido:

#### A-gonia de encarnação do Verbo.

Começamos a descobrir, em nós mesmos, o “ponto-matriz” de gestação, onde a vontade do homem entra em ressonância com a palavra de poder do Verbo: ponto crítico de “fusão” de elementos materiais e espirituais, “força central” que codifica as funções-mãe da vida, “Pro-gene” dos filhos por nascer.

# NA GALÁXIA HUMANA EM IN-PLOSÃO A VANGUARDA AVANÇA/RETIRANDO-SE

## A GESTAÇÃO DA VANGUARDA MÍSTICA SE ANTECIPA À AÇÃO DA VANGUARDA POLÍTICA

É *proto-função*: assim como (pensando por analogia) em genética molecular, o ARN mensageiro pre-determina a função das proteínas. “Palavra anterior”, se preferirmos utilizar a linguagem da vanguarda poética.

Entramos aqui em um terreno in-certo: geometria simbólica da palavra criadora, anelo da poesia por encarnar na História, sonho da alma cósmica que quer tornar-se realidade orgânica no homem. Refiro-me à mensagem *pro-fética* dos mensageiros: palavra *anterior*. Sempre houve, ainda nas épocas mais obscuras, uma vanguarda com missão de *custódia*: virgens do Sol (que custodiavam o fogo sagrado nos templos do Inca), monges guerreiros (que custodiavam as rotas de peregrinação à Terra Santa). E hoje? Existe, na era cósmica que se inicia, alguma cadeia de “mensageiros precursores” que assegurem (custodiando) a livre circulação do sangue ígneo do Verbo, para que o homem alcance a plenitude da vida humana e não fique para trás, como “resíduo radiativo” em um planeta desolado e sem vida? E, respondemos com um *sim* categórico:

Existe uma vanguarda!

Os cientistas-místicos, os profetas da arte, legisladores sociais de antecipação, a vanguarda-sacrificial que se adianta aos doutores da lei, todos estes mensageiros-portadores de mensagem deixam impressa sua pegada *gen-ética* na matéria transfigurada do mundo: transcrevem e traduzem para a linguagem científica, artística, técnica, social, fisiológica, o sinal *pro-fético* emitido pelo novo Código de Sentido. Estamos falando aqui de uma “Vanguarda da vanguarda”, para a qual, as palavras “transcrição” e “tradução” só devem ser entendidas através da

analogia com os passos das moléculas mensageiras no terreno da genética molecular. Na vanguarda Gen-ética, a palavra chave é *encarnação*. Quer dizer, não se trata só de intuição e sim, de *gestação*: e neste sentido, a vanguarda mística é, *antes* que a vanguarda política. Não só um “antes” ontológico, hermenêutico – na ordem do conhecimento – mas um “antes” gen-ético, onde a encarnação do Verbo (*gestação*: na ordem da vida) é *antes* que a filosofia, a ciência, a arte, a guerra.

# RETIRADA ESTRATÉGICA DA VANGUARDA A CAMPOS DE ULTRASSENTIDO

O discurso intelectual, orientado para a busca de sentido, está chegando a seu fim: por esgotamento de sentido do pensamento metafísico-psicológico que pergunta pelo sentido. A própria vanguarda revolucionária se esgota hoje em uma luta de desgaste, ao esgotar-se a força ideológica que lhe vinha da concepção materialista da Filosofia da História. Em poucas palavras, começamos a perceber o “fim” de todo um processo de pensamento em linha reta, associado ao modelo teórico de uma Galáxia Humana, lançada, ela mesma, em expansão indefinida. Mas, eis aqui que, de repente, somos de-volvidos a nós-mesmos, através do movimento inverso de uma Galáxia Humana em In-plosão.

O giro da Força,  
com o consequente esgotamento de sentido,

leva a Vanguarda,  
através de uma retirada estratégica,  
a campos de ultrassentido.

A luta se tornou des-igual. O Adversário se tornou poderoso demais: e nós perdemos sentido por in-plosão de antissentido. Ficamos sem teoria da revolução.

O giro da Força  
impõe uma mudança radical  
na estratégia da Guerra.

Marshall McLuhan diria isso de outra forma: “O meio é a mensagem”. Enfrentamo-nos com um Adversário poderoso, cujo poder já não podemos medir em escala sociológica, mas sim cosmogônica: as ferramentas de liberação não são as mesmas. A antiga forma de luta, sobre a base da confrontação dialética de pares de opostos produz hoje resultados contrários aos esperados: porque o Adversário já não é um “par”, já não é um “oposto” que está na calçada em frente, já não é a luta de irmão contra irmão, do trabalho contra o capital, do bem contra o mal... nem sequer do organismo em luta com os antigos micróbios. Hoje, o Adversário é um Poder que, ontologicamente, supera o homem e que, no entanto, vem medir-se com o homem.

Ainda não descobrimos

o código secreto

da atual Guerra de mundos.

Ainda continuamos lutando de frente, como nas justas da cavalaria da Idade Média. Lutamos contra o HIV, a droga, as empresas multinacionais, o FMI, o terrorismo... com as mesmas ferramentas teóricas e práticas com que o Santo Ofício lutava contra os “infiéis”. No começo do século XX, os sindicatos operários lutavam contra uma “patronal” que ainda tinha nome e sobrenome, e com quem podia medir forças: porque o poder em jogo ainda era humano. A mensagem política era formulada em termos de confrontação humana: “Proletários do mundo, unidos”. Hoje, isso é impossível: um Poder mais que humano tomou posse da Terra e os proletários do mundo perderam a guerra. Mas, o que não se perdeu foi a necessidade de encontrar sentido para as revoluções perdidas.

A revolução que vem

já não será pela defesa do salário,

mas pelo direito de participação na Obra.

E é precisamente na linha de frente desta onda de consciência que vem recuperar o sentido da Obra, onde descobrimos uma



Vanguarda que, em *busca* de sentido,

avança/retirando-se

para campos de ultrassentido.

Ultrassentido?

Diante do “limite de sentido”, a onda de consciência de antecipação se reverte sobre si mesma, em um movimento de “negação da Negação”: negar-se a ser nada. A própria palavra “negação” cai aqui, com todo o peso semântico acumulado em séculos de dialética da História: em lugar de “negação”, ter-se-ia que dizer “abnegação” (*ab-negatio*). Será que tudo isto tem algo a ver com o mandato evangélico “Vende o que tens, toma tua cruz e segue-me”? Sim. Tem a ver, enquanto princípio de negação de sentido em pro-cura de *ultrassentido*: negação do mensageiro que, ao negar-se como mensageiro autossuficiente, transfigura-se em *portador de mensagem*. Já não falamos aqui de vanguarda política e sim, de vanguarda gen-ética. Já não de vanguarda intelectual, produtora de sentido, mas de

Vanguarda gen-ética

portadora de “código de ultrassentido”.

Da Genética biológica, passamos à Gen-ética Social.

Na trama secreta da Galáxia Humana em In-plosão, palpita já o Pro-Gene que codifica o ritmo “ultraquímico” de um novo Corpo.

# RETIRADA SACRIFICIAL DA VANGUARDA NOVO PACTO DO DESERTO À PRESENÇA DO DEUS DESCONHECIDO

Um novo In-pulso da Vida

fala desde o coração do Homem.

Em meio a uma avidez de sentido que, por momentos, chega a limites críticos de antissentido, uma delicada “onda de Ultrassentido” indica um novo rumo ao caminhante.

Em algum lugar do mundo, no monte-Alto ou no seio da Mãe Terra, ou talvez naquele esquecido núcleo simbólico de sentido que outrora foi a morada da alma, a vanguarda humana selou um novo “Pacto” com o Deus que se oculta por trás de espesso véu. Não é a primeira vez. A tradição espiritual da Humanidade representou estas “sagradas *Signaturas*” sob a forma de poéticas alegorias e de herméticos símbolos. Hoje, essa linguagem é insuficiente para nomear (e muito menos para representar) o Acontecimento fundacional da era cósmica que se inicia. E, se continuamos falando de “pacto” é porque esse termo nos devolve, por analogia inversa, àquele núcleo simbólico de sentido que, ainda que esquecido, intuímos como “Pacto primordial”. Dito de outro modo: a tragédia dos pactos perdidos (pacto com a natureza e pacto social) e a consciência de havê-los perdido trazem-nos hoje, de “volta”, longínquas ressonâncias do Pacto originário. E uma clara sensação (*clarossentir*) de que existem coisas que já não têm conserto, de que existe um limite para a reparação “ortopédica” de funções da vida que mutilamos e de que a própria fisiologia humana já não pode resistir ao embate da Consciência cósmica.

Estamos entrando em uma era Solar de “transfiguração do corpo”. Começamos a sentir o *peso* de um corpo inadequado: a matéria humana se tornou demasiadamente resistente à circulação da luz. O próprio ADN – que hoje nos aparece como símbolo de um patrimônio hereditário com evidente dano

genético (o genoma humano está na mira dos investigadores) – é uma molécula privilegiada que já não pode codificar os “ultraelementos” essenciais às funções do homem cósmico. Dito de outro modo:

A crise de sentido do mundo do homem

já não pode ser resolvida

por novos pactos de sentido,

mas por um “Pacto de ultrassentido”.

Quais podem ser os interlocutores de um novo Pacto do deserto?

Esse “Pacto de ultrassentido” escapa, uma e outra vez, à palavra do homem. É como se disséssemos, utilizando termos bíblicos, que o homem “já não foi confiável” para assinar um novo Pacto com o Senhor Deus, que fala desde o cume do monte ardente. Em outros termos, poderíamos dizer que, ao chegar ao extremo de antissentido, o homem moderno está em condições intelectuais de formular a crítica (filosófica, sociológica) à sua “vontade de ruptura de pactos”, mas não em disposição espiritual para assinar um novo Pacto: falta “palavra de poder”. A linguagem técnica unificada (metalinguística), que nos permite elevar todas as línguas a um instrumento único de informação em escala planetária, é insuficiente como palavra do homem à Presença de Deus. Não vemos na Aldeia Global nenhum representante que, em nome da Humanidade, suba como novo Moisés ao monte para “assinar-com” o Deus Altíssimo as Tábuas de um novo código da Lei.

O povo que acampa ao pé da Montanha sagrada não tem notícia do que acontece no cume, mas não pode fugir do impacto da onda sísmica, desencadeada pela In-plosão de Aliança: o povo não escolheu conscientemente assinar o Pacto, senão que “foi escolhido” para o Pacto.

Esta condição de “ser escolhido”

introduz na fisiologia humana

uma variável de sentido completamente nova.

Cedo nos daríamos conta de que, não só havíamos “sido escolhidos” para a iluminação, mas também para o sacrifício, escolhidos para a liberação ou a dependência, para a saúde ou a doença. A “onda de Ultrassentido” não só toca a alma (como pétalas de rosa mística, vindas do céu), senão que imprime sua marca na estrutura atômica das moléculas da vida: ressonância analógica.

A colisão da matéria humana

com uma onda cósmica de “Ultrassentido”

marca o *destino* fatal que caracteriza  
a ruptura de simetria da lógica de sentido.

Por que “fatal”?

Porque a Humanidade não pode fugir

dos efeitos catastróficos

de um Pacto que não assinou,  
mas para o qual foi escolhida.

Dito de outro modo: a “onda de Ultrassentido” que chama a vontade do homem a assinar o Pacto, *antes* que o homem responda com sua assinatura a ela, já deixou impressa sua *signatura* nas moléculas da vida: *impreso formæ*.

O homem da era tecnológica  
que pôs seu olho inteligente  
em estrelas distantes

está *marcado*

em sua própria matéria (próxima)  
para um inexorável passo evolutivo.

O que quer dizer “marcado”?

O texto bíblico nos fala do “sinal na casa dos escolhidos” (Êx. 12:13). Mas hoje, às vésperas da “Segunda saída” (já não a travessia do “Mar Vermelho”, mas o salto para a consciência cósmica), essa “marca” está na casa de *todos*, porque todos nós fomos escolhidos para “ser algo mais que carne”. Podemos dizer alguma coisa a mais sobre este sinal pro-fético que “marca” nossas vidas e “indica” nosso destino? Sim, podemos dizer que o sinal que até agora chamamos “pacto”, “marca”, “*signatura*”, “onda de Ultrassentido” e que também poderíamos chamar de “simetria” (em termos cosmológicos) ou “selo” (em sentido místico simbólico), essa “mensagem” cujo advento pre-sentimos, antes de conhecer, é mais que ideia-mensagem: é “molécula-mensagem”.

A chave de desenvolvimento do homem  
vindouro

não é uma nova ideia, mas uma nova  
molécula:

molécula-Mãe.

A chave de Ultrassentido não é ideológica, mas *gen-ética*:  
Código Gen-ético.

Na atual guerra de mundos, a Vanguarda se antecipa como código Gen-ético de transfiguração ultraquímica da matéria: chave simbólica que codifica as funções nascentes do homem cósmico. Como opera este fermento-vanguarda na “massa” da Galáxia Humana em In-plosão? Dissemos que avança/retirando-se, mas qual é a natureza dessa retirada?

Não se trata somente de “retirada  
metafísica”:

volta em direção à fonte de sentido do ser,

mas de “retirada *gen-ética*”:

renúncia à posse do mundo

para transformar-se em co-fermento do  
Verbo.

A retirada *gen-ética* é “sacrificial”: renuncia à posse da terra  
para transformar-se em “sal” da terra.

# ***HUMANIS CORPORIS FABRICA***

## **Avançamos/retirando-nos para um corpo que não existe**

Começamos a perceber “sinais de alarma” que procedem de nosso próprio corpo: um corpo que devora seus próprios órgãos (patologia individual e social de imunodeficiência). Entramos em uma fase *crítica*, na longa caminhada do homem pela organização do corpo.

O antigo corpo físico do homem terrestre

desmorona por in-plosão:

cai por dentro.

Jan H. van den Berg, professor da Universidade de Leiden, em sua minuciosa investigação histórico-metafísica acerca do desenvolvimento do conhecimento do corpo, *O Corpo Humano*<sup>8</sup>, destaca o grande impulso dado por Vésale (1543) aos estudos anatômicos, ao atacar Galeno: “Nem sempre é válido transportar o que se observa no animal, transpondo-o sem mais, ao organismo humano”. O que hoje poderíamos parafrasear, dizendo: “Nem sempre é válido transpor as funções mecânicas do homem terrestre ao ritmo analógico da nascente fisiologia cósmica”.

Começamos a pre-sentir  
o ritmo, a pulsação, a mensagem

de um *Novo Corpo*,

por cujos canais invisíveis  
circula o fogo sagrado da *Vida*.

---

<sup>8</sup> *El Cuerpo Humano*, Buenos Aires, Carlos Lohlé, 1964

Trata-se da organização arquetípica de um corpo não nascido. Hoje como ontem, o *Corpo* é cifra, geometria simbólica, estrutura orgânica de um Pacto primigênio (Primo-gene): "...para que o homem não seja só carne" (Gên. 6:3). Qual é a natureza, a figura, o rosto deste *Corpo* que pre-sentimos, antes de conhecer? É corpo individual, social, espiritual? É "corpo político": sociedade de nações? Ou "corpo místico": "Todos somos um corpo, com muitos membros" (1 Cor. 12:12)? Ainda não temos palavra para dar *ser* e figura à palavra criadora que o Verbo pro-nuncia. A única coisa que posso dizer (porque o sinto) é que, para além do mercado comum planetário, da comunidade social informatizada, avançamos/retirando-nos em direção ao coração de um recinto orgânico, onde as grandes correntes do conhecimento e do amor se reúnem em um Mesmo traço da vida. Ainda não sabemos como viver nesse "*Corpo*" que transcende nosso corpo, que não tem figura em nossa consciência, mas que palpita em nossa entranha como proto-modelo da vida em expansão.

Concebemos um corpo místico,  
antes de conhecê-lo.

Pre-sentimos um corpo cósmico,  
antes de habitar nele.

Einstein já o havia dito: "Não há caminho lógico para aceder às leis mais gerais do Universo". Mas existem "outros" caminhos. Também os cosmólogos começam a intuir a geometria de um *Corpo* que não existe: até ontem apenas, reconhecíamos uma direita e uma esquerda no Cosmos. Mas hoje, os astrofísicos John Ralston e Borge Nodlan afirmam que o Universo tem também um 'em cima' e um 'embaixo'. Existem "seres cosmogônicos" que tracem a geometria orgânica do Universo? Algo assim como os anjos que subiam e desciam pela escada, na visão de Jacó (Gên. 28:12)? E em caso de que existam, como conectar a vontade do homem com a consciência cósmica?

## Poder de plasmação dos mensageiros-verbo

O “antigo pacto” (assinado pelo *logos* racional) chegou a seu fim. O antigo corpo fragmentado já deu tudo o que podia dar. Certamente que poderia dar mais (e melhor) do mesmo, multiplicado exponencialmente pelo poder tecnológico: mais informação, mais alimentos acondicionados, mais desemprego, mais violência social, mais desequilíbrio ecológico do planeta, mais vazio existencial do homem. Por este caminho de fragmentação de funções da vida, o “custo” do desenvolvimento, medido em “matéria residual”, é alto demais: o homem está sendo devorado pelo próprio poder que liberou e corremos sério perigo de que a Terra, esvaziada de sentido, fique povoada somente por cérebros eletrônicos e corações transplantados.

Mas, qual é a raiz essencial do “novo pacto”? Qual é a natureza da palavra que sela o Pacto nos altos cumes do Espírito? Não falamos aqui de intermediários, intérpretes, escribas ou doutores da lei: falamos do “ofício sagrado” do homem, enquanto mensageiro que trans-screve em si mesmo a mensagem e “*é a mensagem-e-a força da mensagem*”. A força de plasmação da Mensagem no mundo do homem não é transmitida por inter-mediação de alguma doutrina: seja científica, filosófica, social, espiritual. Mas, pela In-corporação (trans-scrição Gen-ética) da palavra silenciosa do Verbo na matéria do homem: ressonância de trans-figuração (molécula analógica).

*Molécula analógica:*

“Mercúrio alado” que estende uma

ponte Gen-ética

entre o Céu e a Terra.

Como caracterizar de alguma maneira esta *molécula* que traça os caminhos invisíveis do homem cósmico? Quem são os que levam em sua mão o *lume* para acender o fogo? Qual é a *chave* de trans-missão? Nem sequer falamos aqui da transmissão desse sentimento de “religiosidade cósmica” – que Einstein, em sua cosmovisão do mundo, determinara como função principal



da Arte e da Ciência – “despertar e manter vivo esse sentimento em todos aqueles que estejam dispostos a recebê-lo”. Eu diria: só função preparatória, pré-genética, antes da chegada do Senhor. Carícia que a alma recebe, antes da encarnação do Verbo. E acrescento: para que este sentimento de “religiosidade cósmica” (iluminação-nascimento de ultrassentido) não fique reduzido a teoria científica ou a sensibilidade religiosa, é necessário que o próprio-homem se disponha a ser In-vestido (oferecer vestidura humana) da onda de ultrassentido do Verbo. Dito em outros termos: de alguma maneira, somos chamados não só a ser “mensageiros”, mas “moléculas-mensageiras” (ARNm – mensageiro de trans-missão).

**ARNm:** molécula analógica,

molécula mensageira,

força de plasmação.

Este Mensageiro que *encarnou* o código gen-ético do Verbo, que trans-screveu o “sentimento de religiosidade cósmica” em linguagem molecular, que traduziu os valores espirituais da alma para a química da vida, esse Mensageiro, quer se chame professor de escola, cientista, filósofo, político, operário... não tem necessidade de pregar a mensagem porque ele-mesmo *é* a Mensagem.

**Mensageiro-Verbo:**

real poder de In-vestidura,

mística do Ofício,

energia de Transfiguração.

Transição de fase da Humanidade: gênese de uma nova “molécula-Mãe”, salto co-evolutivo (com os outros reinos) para outro reino, ruptura de simetria da matéria: bifurcação entre “matéria radiante” e “matéria residual”. Quem poderá guiar-nos pelo caminho recém aberto?

Calam as antigas vozes,

dispersão dos antigos mensageiros.

A Língua Mãe tomou a palavra:  
inspirando alento de vida  
no rosto do recém nascido.

### **Ritmo alternado de trans-figuração do corpo**

Já não vivemos no mesmo corpo. Muitas das funções mecânicas do antigo corpo físico foram transferidas para a rede eletrônica de um corpo biotécnico. Algumas funções espirituais, que só podiam manter-se na elevada vibração de um corpo místico, podem hoje revestir-se de “matéria social” e traduzir-se em ofícios sagrados de um corpo social. E funções humanas – que até ontem apenas, considerávamos “humanas” – desabam (por perda do núcleo simbólico de sentido) e refluem como “matéria residual” de corpos que perderam a alma. Esta grande “catástrofe cosmogônica” – que põe fim a todo um ciclo de desenvolvimento evolutivo da Humanidade – abre ao mesmo tempo um cenário histórico completamente novo e chama à ação, uma vanguarda *gen-ética* que havia ficado esperando à borda da Fonte. Qual é a função biológica desta vanguarda espiritual que se instala, sem ser notada, em um “magma” social preparado durante milênios para constituir-se em matriz generativa de um novo impulso de vida renovada? Ninguém conhece as chaves destes conúbios secretos entre o céu e a terra. De onde vêm as “moléculas mensageiras” que em um instante (sem tempo) mudam a direção, o ritmo, o sentido das correntes que circulam pela Árvore da Vida? Não sabemos nada de tudo isto. O que, sim, sabemos é que mudou o “ritmo” de nosso coração. Do antigo coração mecânico, passamos ao pulso alternado de um relógio ultraquímico: relógio que marca o sentido das horas, dos trabalhos e dos dias do homem por-vir. Começamos a descobrir o ritmo-Mãe de um Coração generativo: marcapasso bioespiritual que talvez venha a substituir a hipófise como “diretor de orquestra” de uma fisiologia humana de ressonância cósmica.

Fisiologia humana de ressonância cósmica?

Não existe. Quero dizer: não existe na forma, órgãos e funções que foram descritos pelos antigos anatomistas, em termos de *Humanis Corporis Fabrica* (mecânica do antigo corpo). Tampouco existe em termos de circuitos cibernéticos psicofísicos, neuroquímicos, ecossistêmicos (linguagem técnica limitada à consciência objetiva –terrestre demais – na qual se move a vida do homem).

Fisiologia humana de ressonância cósmica?

Não existe.

Revela-se por In-plosão das formas  
do antigo reino.

Fisiologia de ressonância: nova dança da vida, em ciclos de notas reversíveis. Sinal in-audível que se desdobra em uma coreofonia de vozes audíveis. Voltamos a escutar a “música das esferas” (agora, desde o intracorpo): ressonância do Verbo nas moléculas de nossa própria vida.

Gigantesca transição de fase:

das funções do homem fragmentado  
à ordem sagrada do mundo.

# ORDEM SAGRADA DO MUNDO

## Uma nova mística:

### traçado invisível entre o conhecimento e a vida

Difícil é dizer de que natureza seja essa ponte que reúne, em um Mesmo movimento, as duas margens do rio até agora separadas: a própria palavra “mística” já não nos transmite o mesmo sentido de transcendência que ressoara durante milênios, na tradição espiritual da Humanidade. De qualquer modo, não me refiro à mística como doutrina, mas à mística como *função*: função-Mãe de funções.

Hoje, em um mundo técnico que perdeu todo vínculo com seu núcleo simbólico de sentido, começamos a redescobrir a integralidade de muitas funções humanas, depois de havê-las perdido: não só a mística, também o trabalho, a sexualidade, as defesas imunológicas. Essa “catástrofe de funções” tem, no entanto, sua própria função na dinâmica da Galáxia Humana em *in-plosão*: por perda de sentido e refluxo de energia, o homem “retorna” ao núcleo de sua mais pura essência. Na era que se inicia, essa “volta” já não é um “retorno à fonte” (como cantaram os poetas ao ritmo da natureza encantada) nem um “retorno ao sentido do ser” (como formularam os filósofos em termos de “retorno metafísico”). Já não é possível “voltar” à natureza nem ao ser: porque “ser” e “natureza” se perderam. Hoje, o “retorno” é por *in-plosão*: por incêndio da própria matéria humana. Dito de outro modo: a ruptura de simetria do antigo mundo (“fim” da antiga matéria terrestre) co-incide com o “primeiro” resplendor de fogo cósmico no coração do homem.

Não é fácil dar nome a esse algo que  
“se inicia”,

a essa vibração desconhecida que se  
instala subrepticiamente em nossa  
consciência,

a essa Voz in-sonora que nos concede  
o dom de pertinência à Ordem Sagrada  
da Vida.

Qual é a natureza desse “algo” que advém? É Espírito? É energia? É matéria? Não o sei. Chamo-o “fogo cósmico” porque ilumina/desintegrando: palavra de fogo que fala em chaves gen-éticas.

### **Chaves gen-éticas de liberação**

*Toma teu cajado e lança-o diante do  
faraó  
e se converterá em serpente.*

Êx. 7:9

É uma chave técnica, reversão da força: uma chave para sair do cativeiro.

Na Galáxia Humana em In-plosão, a vanguarda avança/retirando-se: retorna ao Egito para decifrar o código-raiz da escravidão humana. Retirada sacrificial ao seio da matéria escura: para resgatar a chave de ouro da “Segunda saída”. O “faraó”, enquanto símbolo de poder real, mantém prisioneira a Humanidade no campo magnético do inconsciente coletivo da Raça. Para quê? Para sustentar a vida do antigo corpo, para crescer e multiplicar-se dentro dos estreitos limites do antigo cárcere (com a promessa de uma futura liberação, que nunca chega).

As guerras de liberação travadas até agora deram tudo o que podiam dar, quer se trate de liberação racial, política, psicológica, e ainda espiritual (nas chamadas “experiências liberadoras”). Já não são muralhas de pedra as que nos fecham a passagem, mas linhas magnéticas invisíveis que fazem soar o alarma do sistema, à primeira tentativa de cruzar a fronteira perigosa. Mas, há alguns que a cruzam. É a vanguarda dos mensageiros do Espírito: Moisés atravessa o Mar Vermelho, Jesus caminha sobre as águas. Qual é a chave? Não só uma Ideia, também outro Corpo: chave Gen-ética.

Essas “Chaves Gen-éticas de Liberação” sempre estiveram (e estão) custodiadas, nos Santuários Sagrados do mundo, veladas

por trás de obscuros símbolos e enigmáticas equações, mas acessíveis (até certo ponto e em certa medida) a todos aqueles que, com coração puro, aproximam-se para beber da Fonte. Talvez, a tarefa mais importante que hoje nos espera – ante o poder faraônico de dominação do mundo – já não seja seguir as pegadas (objetivas) da vanguarda, mas sim, entrarmos nós mesmos (por “ressonância de similitude”) na Onda Gen-ética de liberação, que levou a vanguarda a *ser* Vanguarda. Dito em outros termos: a escutar a palavra do Verbo, que nos chama a *ser* mensageiros-Verbo. Onde descobrir hoje estes recintos sagrados onde ressoa a Palavra que foi, *é* e será?

No relato de Carlos Castaneda, Don Juan aponta para seu discípulo, do alto de uma rocha, um desses círculos de poder:

— Este é o lugar onde eram enterrados os guerreiros, há muito tempo atrás. Olha esse círculo de grandes pedras.

— Estão ali ainda enterrados os ossos dos guerreiros? – pergunta o discípulo.

Don Juan, fazendo um gesto cômico, respondeu-lhe:

— Não é um cemitério. Ninguém está enterrado aqui. O que quero dizer é que vinham aqui para enterrarem-se eles mesmos por uma noite, por dois dias...

— E para que se enterravam?

— Para a “iluminação”, para o “Poder”<sup>9</sup>

Hoje, no início de um novo Éon, nós também vamos nos retirar a esses círculos potenciais da *Anima Mundi*: para “fixar o Espírito”, para “incorporar o princípio-raiz” que se antecipa às formas do conhecimento, para voltar a “tomar na mão”, como os antigos guerreiros-sacerdotes, o “fogo sagrado da vida”...

Para *sermos* mensageiros-Verbo,

**batemos à porta do Templo do Saber.**

---

<sup>9</sup> Carlos Castaneda, *Journey to Ixtland*, New York, Simon-Schuster, 1972, pg. 135.

## O CÍRCULO DE PEDRAS SE TRANSFIGURA EM UNIVERSIDADE-TEMPLO

A função do Magistério Universitário do porvir, enquanto antena profética do saber, é resgatar o “princípio-raiz” da Língua: “*In principio erat Verbum*” (função perdida na universidade fragmentada da era técnica).

Quando falo de “resgatar o princípio” não me refiro a algum tipo de “princípio” que pudesse nos ser acessível por meio da metafísica ou da teoria da ciência e sim, a um prestar ouvido ao advento de algo mais originário – e que pertence à própria essência do Dizer: princípio potencial, generativo, seminal, da era por-vir e que se antecipa aos princípios que deram fundamento e forma ao mundo em que vivemos. Este saber originário que, mais que palavra de conhecimento é germe-Mãe do conhecimento – e que vem para dizer-nos algo essencial, em tempo de penúria do saber.

Este Silêncio-palavra é o ritmo da

Língua Mãe.

Nas universidades do porvir, nas novas escolas de iniciação no caminho da vida, nos lares das crianças que vêm para renovar a Terra, nesses recintos-Mãe, os estudantes-aprendizes, *antes* de aprender as linguagens das ciências particulares e os códigos informáticos da cidade virtual, terão que poder in-corporar o código gen-ético da Língua Mãe. Se não for assim, ficarão prisioneiros nos labirintos do antigo *logos*: ao não poder cruzar a barreira cósmica, não terão mais remédio que repetir a história da antiga Terra.

**Língua Mãe:**

Matriz gen-ética de todas as línguas:  
Língua perdida há muito tempo.

Quando caíram todas as ontologias da linguagem, as filosofias comparadas das línguas, as filosofias críticas da História, as teorias científicas de desenvolvimento evolutivo da palavra, quando já não sabemos decifrar os símbolos da língua sagrada gravados em pedra, quando os Mestres que transmitiam a

ensinância oral se retiraram, quando o véu do templo se rasgou de cima abaixo e já não há mais nada a dizer, então, na virada do caminho, quando o pensamento cala e o coração se desvela, podem dar-se condições de silêncio da matéria, de forma a escutar o que a Língua Mãe nos quer Dizer.

Advento da palavra-Vida:

a “onda pro-fética”, que se antecipa à  
informação,

in-veste a matéria de informação:  
revestindo-se de informação para con-figurar  
(com ela)  
novos padrões significantes de conhecimento-  
vida.

Avançamos/retrocedendo, em direção a novas dimensões do saber. Marshall McLuhan fala de “hibridação de meios”. Nós estamos falando aqui de “ressonância” entre a luz da revelação e a matéria de informação. Algo de tudo isso está ocorrendo hoje no intracampo da Galáxia Humana em In-plosão: ao produzir-se uma transferência em massa da “matéria” do conhecimento que circula pelos ramos da árvore do conhecimento para a “memória” do cérebro eletrônico planetário, foi gerado no coração do homem um campo crítico de “vazio” que faz possível in-corporar ali (no coração), a corrente de seiva/sabedoria, que ascende desde as raízes da Árvore da Vida. Dito de outro modo: a transposição da lógica mecânica para a memória eletrônica produziu – sem que o percebêssemos – um gigantesco salto (por in-plosão) para circuitos “ultraquímicos”, em nosso próprio corpo físico. A brecha entre o conhecimento e a vida que a antiga ponte da razão não conseguiu transpor através da dialética da História vem hoje a ser transcendida em função de uma fisiologia de ressonância cósmica.

A mística cristã, para entrar na História, teve que vestir-se com a roupagem do *logos* grego. Hoje, o Verbo que vem falar com o homem nos fala por trás do véu da química da vida: quase poderíamos dizer que o antigo código filosófico foi transferido para um código gen-ético. A Língua fala já em “outra” língua, o caminho para o Conhecimento é “outro”, mas a Ciência ficou



prisioneira do “método” que conduziu ao desenvolvimento da Ciência. O *logos* que hoje se antecipa a nossos sonhos fala em linguagem “Pro-fético/técnica”. Mas o predomínio do pensamento “técnico” – que não só in-forma as teorias científicas, sociais, políticas, econômicas, senão que modela o próprio homem à sua imagem e semelhança – tornou inaudível o *som* “Pro-fético” do Verbo, para deixar no altar do templo da inteligência humana somente a figura radiante e todopoderosa da deusa Técnica.

A própria Ciência moderna nasceu de um sopro de revelação, e os pais fundadores falaram em parábolas científico-místicas. Mas depois, vieram os cientistas-técnicos e falaram em linguagem técnica. Voltamos a cair na mesma obscuridade ontológica denunciada pelo Evangelho de João: “Estava no mundo... e o mundo não o conheceu” (Jo. 1:10).

Mas, a “surdez ontológica” tem seu preço. Heidegger adverte que o desenvolvimento do pensamento moderno está marcado pelo “esquecimento do ser” e que esse “esquecimento” fecha o horizonte de sentido do homem. Mas, aqui não estamos falando de “esquecimento do ser” (de não poder dizer a palavra justa para o ser das coisas – por haver perdido a “chave metafísica”), senão que estamos falando de “esquecimento do Verbo”. E o perigo é muito maior: não poder dar Vida às funções recém nascidas do homem (por haver perdido a “chave gen-ética” da Língua Mãe).

Como Moisés, como Pitágoras, indo buscar a sabedoria  
nos antigos templos,

como a retirada de Jesus ao Egito, ante a presença de  
Herodes,

como o retiro dos guerreiros em recintos sagrados em  
busca do

Espírito que vence a  
morte,

como todos estes pre-cursors da palavra certa,  
a Vanguarda da vanguarda se retira hoje para o deserto,  
em busca da “chave gen-ética”  
que haverá de dar novo impulso à Vida.

Hoje, como ontem, tanto em *Gen-ética* social quanto em genética molecular, a mensagem da Língua Mãe é transmitida por uma cadeia de mensageiros-Verbo. Quem são estes “mensageiros” e como é traçado o caminho da Mensagem?

Transmite-se através da Ensinança oral de Mestre a discípulo.

Transmite-se através do Amor-e-do leite da mãe que amamenta seu filho.

Transmite-se através da Luz das estrelas, do Silêncio das montanhas, do Murmúrio dos arroios, do Canto das andorinhas que voltam a seus ninhos.

Transmite-se através do olhar inocente, da palavra de honra, do trabalho honesto, da obra de arte, da solidariedade social, do canto do povo.

E continuamos perguntando: onde estão hoje os Mestres, as mães com seus filhos, as caladas vozes da natureza, a reverente majestade do céu, as crianças inocentes que brincam na rua, o canto do povo? Não estão! Foram todos levados pela forte corrente do rio!

Mas, quando todos se retiraram,  
a própria Língua Mãe nos fala  
desde a Retirada.

Em matéria de Educação, de universidades e escolas, de ensino e aprendizagem, de professores e aprendizes,  
tarde ou cedo,  
em algum lugar da Terra  
ou fora da Terra,

teremos que começar tudo  
de novo.

Apesar de toda esta penúria do saber-fragmentado, sobre o qual carregamos as tintas da crítica, talvez em excesso – precisamente por ser fragmentado – não posso menos que reconhecer as valiosas experiências que abnegados pedagogos realizaram e realizam no campo de uma pedagogia de antecipação.

Paulo Freire se adiantou a seu tempo com sua *Pedagogia do Oprimido*, mas teve que sofrer o exílio: o sistema político-econômico não lhe permitiu levar sua experiência pedagógica de liberação à escala social. Todo ser humano anela um ensino de transformação libertadora, mas ao mesmo tempo, rejeita-o na medida em que perturba seu sono. Morreu Paulo Freire: triunfou a “pedagogia de depósito”. Hoje, “todos” somos “oprimidos”: os ignorantes e os inteligentes, os pobres e os ricos, os que vivem do salário e os que morrem por desemprego.

A Língua Mãe continua falando, apesar da fragmentação do conhecimento e da resistência do sistema.

### **Com quem fala?**

Fala com sacerdotes e profetas  
e *é* Palavra.

Fala com sábios, cientistas e técnicos  
e *é* Saber.

Fala com a vanguarda social do povo  
e *é* Vida transfigurada.

### **E o que acontece quando fala?**

Resplandece o monte e se escurece o vale.  
Volta a circular a água saudável dos rios.  
O caminhante perdido no bosque encontra  
o caminho para o lar.

Por inter-médio de uma “molécula-mensageira”, a Ordem sagrada do Verbo se transfigura em Corpo social vivo. Volta a bater o coração do povo: reina a lei, governa a justiça, põe-se em movimento a força do trabalho.

# CARTA HUMANOGRÁFICA DO MUNDO VINDOURO

## PRINCÍPIO-RAIZ DE UMA CIÊNCIA GEOSSOCIAL EM GESTAÇÃO

Dizemos que na Galáxia Humana em In-plosão, a vanguarda avança/retirando-se em direção a um ponto crítico de *Reversibilidade de Valores* e pressentimos que a ruptura de simetria do sistema deixa exposta a primeira ressonância de um novo corpo. Mas, quando queremos traduzir este “intuir e pressentir” a ciência da vida, temos que reconhecer que pisamos sobre terreno inseguro. Logicamente, nem tudo está claro. Não conhecemos as *leis* deste Corpo que palpita em nós e que *é* em nós, antes que o conheçamos. Mas – ainda com o risco de utilizar conceitos e figuras de linguagem cunhados em um tempo que passou, e com o risco de não possuir ainda um mapa preciso desta fisiologia orgânica de antecipação – podemos sim, vislumbrar um campo prefigurativo de funções-mãe, antes que possamos dar nome adequado a esse corpo. Pressentimos uma matéria que *é, antes* da forma: matéria que vem a ser “matriz” da forma por-vir. Quando tento pensar esta “matéria-matriz”, vem a mim a figura de “princípio-raiz”: o próprio *logos* sofre aqui uma torção, de tal forma que já não é possível fundamentar o conhecimento-vida do Corpo recém nascido com os mesmos princípios metafísicos que servem de sustento para a epistemologia da ciência.

Do princípio metafísico,  
enquanto essência da verdade

passamos ao “princípio-raiz”,  
enquanto essência/substância da vida.

Ouvimos agora a própria palavra *essência*, falando desde outra comarca, desde outra região do mundo: não só desde o céu metafísico, mas também desde a entranha da terra. Mas, coisa curiosa: o desvelamento desta *essência*, enquanto “princípio-raiz” (isto é, enquanto “en-raizamento” da ciência no “princípio raiz” da vida), esse *en-raizamento*, não vem por iluminação de um novo céu, mas por dilaceramento da antiga terra.

Thomas Berry se havia adiantado, com visão profética, às premissas científicas da Era Ecológica<sup>10</sup>. Berry havia percebido que a “confrontação com o demoníaco” era um dos passos cruciais da Humanidade em sua atual fase de transição para a consciência cósmica e que o arruinamento do equilíbrio ecossistêmico do planeta, provocado em parte pela mentalidade técnica do homem, poderia desencadear uma “reação massiva da Terra”<sup>11</sup>.

Pois bem, essa “reação massiva da Terra” já compromete nossas vidas com a fúria dos elementos cósmicos e com a virulência das forças subterrâneas. Já não vivemos no mesmo corpo: o Corpo da nova Terra em gestação é também o “corpo de fogo” de uma Humanidade em expansão.

Quando dizemos que a Retirada da vanguarda é uma retirada-sacrificial, queremos significar que entramos em uma fase de transmutação alquímica de elementos, no seio da Mãe-Terra, em busca do fogo generativo (“princípio-raiz”) que deve dar nascimento ao Corpo Geossocial do Homem vindouro.

Será que tudo isto é o sonho de um poema, na alma do homem por-nascer? Não só um sonho, um poema em gestação: também um drama sacrificial da matéria, sacrifício cotidiano dos inocentes, a-gonia de encarnação social do Verbo. E uma nova Ciência – que tomando como ponto de apoio o “princípio-raiz” de gestação sagrada da vida – desdobra-se em uma coreografia de

---

<sup>10</sup> Thomas Berry, *The Ecological Age*, Washington, University of America Press, 1978

<sup>11</sup> Veja Valerio Ortolani, *Personalidad Ecológica*, 2ª Ed., México, Universidad Iberoamericana, 1986

notas, signos e pulsos na “Carta Humanográfica” do mundo vindouro.

Essa “Carta Humanográfica” é algo mais que o “Contrato Social” surgido da Ilustração, algo mais que a Carta das Nações Unidas pelos Direitos do Homem, algo mais que o patrimônio hereditário da Humanidade escrito em linguagem química no “Código genético”, e ainda algo mais que o “Decálogo da Lei” gravado em tábuas de pedra. E este “algo mais” é a “Nota código” que põe em movimento as funções de ressonância do novo Corpo Geossocial. Em outros termos:

O “Contrato Social” já não responde às necessidades de desenvolvimento da fisiologia humana.

E o próprio corpo físico do homem já não resiste às pressões da alma cósmica.

A “Carta Humanográfica” seria como a plasmação, no magma social, do Código Gen-ético (prefigurativo) que os filhos-netos, por nascer, querem in-habitar e ser.

Apagam-se as luzes da visão-intuitiva e fica uma pergunta:

Qual é nossa missão como peregrinos da aurora?

Ser “testemunho-e-experimento”:  
preparar o caminho do Senhor.

Preparar o caminho da Ciência por-vir.

Deixar um sinal nas pedras do Caminho.

Entoar uma canção de agradecimento, antes de Partir.

# PRINCÍPIOS COSMOGÔNICOS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL

*Saía do Éden um rio que regava o  
jardim, e  
dali se dividia em quatro braços.*

Gên. 2:10

## MATRIZ GENERATIVA DO CORPO SOCIAL

Se em 1543, Vésale (atacando Galeno) pôde dizer: “Nem sempre é válido transportar o que se observa no animal, transpondo-o sem mais, ao organismo humano” – hoje, podemos dizer que tampouco é válido transpor, sem mais, os modelos sociais surgidos da “Ilustração”, ao Corpo orgânico da sociedade humana, enquanto imagem do mundo. Para além (ou talvez, para aquém) do projeto social que surge da filosofia política, da teoria econômica, dos modelos matemático-tecnológicos... para além da imagem do mundo – que criamos à imagem e semelhança do homem – começamos a pre-sentir o ritmo, a pulsação, o caminho do Grande Rio do Universo que circun-screve o Mundo, reúne os reinos, organiza e confere sentido à morada do homem. Dito de outro modo: para além da percepção sócio-técnica do mundo do homem, passamos à intuição intelectual da “Matriz” generativa, de onde nasce a corrente de fogo sagrado que nutre as funções da ordem cósmica da vida: “o rio que rega o jardim e se divide em quatro braços”.

Ao dizer “Matriz generativa”, tento dar nome (sem conseguir) ao “grande laboratório” onde convergem os poderes do céu e da terra, princípios-raiz de Espírito e matéria, forças de trabalho, justiça, conhecimento, sacrifício... forças do homem, dos deuses, dos elementos que, por “energia de fusão” (na Galáxia Humana em In-plosão), transfiguram-se em veste social do Verbo.

Começamos a tomar contato com as correntes de sentido da fisiologia profunda do Corpo Social. Começamos a ouvir (por dentro) ressonâncias de funções humanas sonhadas, mas ainda



não nascidas. Quais são os princípios gen-éticos destas protofunções sociais?

**Lei**

**Justiça**

**Trabalho**

Coloco expressamente em um eixo vertical estas palavras virtuais, porque não estou me referindo aqui a princípios abstratos na ordem do conhecimento, mas a “chaves gen-éticas” (protofuncionais) que marcam outros tantos ritos de passagem, dentro da grande corrente de energia ígnea que circula pela Árvore da Vida. Ao pronunciar este primeiro diagrama, tentativa de uma gênese cosmogônicossocial, já de entrada estamos reconhecendo (ainda antes de pronunciar a primeira palavra) que não temos um mapa com a rota que nos marque com precisão a trajetória deste Rio que “rega o jardim e se divide em quatro braços”: não temos a pretensão de elaborar um modelo de organização social com base em teorias sociais, filosofias políticas, doutrinas religiosas. Só temos algumas “chaves” para abrir algumas “portas”. Mais que deter-nos na lógica-pensante de tal ou qual sistema de valores, gostaríamos de pôr-nos à escuta de um corpo-palpitante: entrar em ressonância com aquilo que nos quer dizer/não dizendo a Língua Mãe, que nos fala desde o código simbólico da vida.

O próprio movimento da Galáxia Humana em In-plosão,  
ao atrair-nos a um ponto crítico, mais perto que o perto:  
ímã generativo,  
permite-nos passar da geopolítica das nações,  
à sociogen-ética da vida.

Vivemos hoje uma profunda crise da ordem social: a organização sócio-técnica do mundo não pode sustentar a elevada vibração da alma. As instituições que surgiram do antigo

pacto terrestre já não podem sustentar o ritmo da vida cósmica que irrompeu no mundo do homem: essas instituições perderam o Alento (“princípio-raiz”) que sustentava o sentido orgânico da vida humana. E tomamos consciência de que esta “ponte-ígnea” não pode ser substituída por princípios filosóficos, pactos políticos, ou códigos informáticos. Como dizia José Ortega y Gasset, a filosofia política substituiu o Príncipe pelo “princípio”. Mas acontece que hoje descemos um degrau mais no caminho de descida em direção à materialização do mundo e substituímos o “princípio” (que pelo menos conferia certa legitimidade metafísica às instituições) pelo “funcionário”, convertido em elo anônimo de instituições anônimas. Eu diria que, em nosso mundo técnico, esgotou-se a cadeia de transmissão dos intermediários: “Príncipe”, “princípio”, “funcionário”. Ficamos sem “fundamento”: catástrofe da Galáxia Humana em In-plosão.

É difícil suster-se

em uma casa sem sustento.

À medida que a lei, a justiça, o trabalho vão ficando à beira do caminho como referentes desvalorizados da civilização técnica, pelo próprio movimento interno da vida – que se nega a morrer de morte térmica – antecipamo-nos para tomar contato direto com o “Princípio-raiz” que sustenta o fogo vivo da *lei*, da *justiça* e do *trabalho*. Dito em outros termos: colocamo-nos à escuta do que nos quer Dizer (desde o Silêncio) esse código místico de sentido que é, *antes* da lógica do pensamento e *antes* da mecânica do coração. E que, desde esse *antes*, prefigura a geometria da vida.

Quando nos dispomos a responder  
com a vida  
ao alento originário que pro-vem  
da Vida,  
a primeira palavra que ressoa  
no fundo da alma

é um *não* categórico  
que faz estourar a taça que retém  
a escória da vida.

NOTA CHAVE que, ressoando na matéria do mundo, traça a pegada primigênia do homem vindouro: Verbo da revolução que advém. Será (é) uma revolução muito diferente das revoluções sociais, políticas, religiosas que conhecemos.

Gandhi fracassa em sua revolução de Não-violência e Não-posse (a Índia conquista sua independência política). Mas, a poesia não encarna na História. A derrota aparente se transfere a um triunfo em um mundo paralelo: planta ali a semente da revolução espiritual da era cósmica: “Em nosso Ashram temos uma regra – de que devemos dizer “não”, quando queremos significar “não”, sem reparar nas consequências”<sup>12</sup>.

Estamos muito longe de haver compreendido  
o poder revolucionário  
de um *não* do coração.

É o fim da dialética, da hipocrisia, da negociação, da verdade às meias, da obediência devida. É o fim de nossa ignorância, de nosso medo, de nossa escravidão. O *não* do coração é uma palavra sagrada: pronuncia-se uma só vez. Não é o “não” do pensamento racional nem o “não” da alma passional, nem sequer um “não” puramente humano: é palavra do homem, investida com o poder do Verbo. E é palavra revolucionária, porque quando é pronunciada, dividem-se as águas, partem-se os mundos, reúnem-se os povos. O *não* do coração é chave mística de fecho-e-abertura: subitamente cai um muro, abre-se uma porta selada e irrompe outra força, ressoa outro som, delineia-se outra geometria.

Foi tensionada ao extremo a corda...

o coração do homem entrou em ressonância com  
o Verbo: ... é “outro” o signo do tempo.

E a casa fica sem sustento. Quando falamos de “princípios cosmogônicos de organização social”: do rio que rega o jardim e

---

<sup>12</sup> Mahatma Gandhi, *Principios Básicos del Gandhismo*, Buenos Aires, Chandra L. Sing, 1933, pg. 40.

se parte em quatro braços, de lei, justiça, trabalho, querendo encontrar nesses termos pontos de aproximação de uma fisiologia profunda que pressentimos antes de compreender, chegamos a dar-nos conta de que, no final do caminho, ficamos sem linguagem – ou melhor, as alegorias, os conceitos, as regras de jogo que havíamos tomado como pontos de apoio para manter uma imagem coerente do mundo – toda essa organização técnica da linguagem vem abaixo. Ao cair o muro que sustentava a coerência interna do mundo (ruptura da forma), transbordam as águas da vida, até então contidas, e ficamos à deriva em um mar de informação. Algo de tudo isto (colapso da linguagem) já ocorreu no domínio da Física teórica. Os investigadores em Física de partículas, quando chegam a um ponto crítico de análise lógico-matemática, devem abandonar a linguagem descritiva para transferirem-se, eles mesmos, à visão intuitiva de simetrias abstratas: mais que de outra teoria, trata-se de um salto para outro instrumento. E voltando ao tema de “princípios cosmogônicos de organização social”, quando dizemos que entramos em “outro” signo do tempo, não nos estamos referindo a outra realidade, mas à Mesma realidade, lida com outro instrumento.

**Lei**

**Justiça**

**Trabalho**

Já não como dados, códigos, regulamentações, interpretações do “homem ilustrado”, na longa caminhada da História, mas como *traço* da Língua nascente do coração que re-Une os fragmentos da “Galáxia de Gutemberg” (McLuhan), em uma Mesma geometria da vida. Qual é o código desta Língua Mãe?

Caem as chaves do homem  
que pergunta pela vida...

Fala a Vida...  
que pergunta pelo homem.

# **FUNÇÃO DO “GUERREIRO SAGRADO” NA ATUAL GUERRA DE MUNDOS**

**Trata-se de desvelar  
a geometria simbólica  
da Força**

## **ENTRAMOS EM COMBATE COM FORÇAS DESCONHECIDAS**

Não conhecemos as regras do jogo. Não sabemos com quem lutamos nem por que lutamos. Mas, com um estranho pressentimento: nesta estranha guerra, vai-nos algo mais que a vida.

O desmoronamento (por in-plosão) da imagem do mundo lançou-nos (sem que o houvéssemos escolhido) a um universo simbólico, no qual nossa própria imagem desapareceu. Essa reversão da Força é o acontecimento paradigmático do novo signo do tempo: não só nova geometria da matéria, mas nova estratégia da guerra. Outro cenário: alguma coisa mais que o descobrimento da América ou a conquista do espaço. Alguém mais que um Alexandre ou um Gagarin. As antigas cosmogonias nos falaram destas grandes transições de fase na História do Universo: guerras no céu e batalhas sobre a terra; combates entre deuses, heróis e titãs; gestas de seres cosmogônicos... Mas, todos estes dramas simbólicos e guerras arquetípicas já não nos servem para desvelar o sentido (e a estratégia) de uma confrontação de forças, na qual nós mesmos ficamos convertidos em símbolos da guerra. Já não vemos anjos e demônios que combatem no céu: mas começamos a ouvir o rugido de confrontação de forças no mundo subterrâneo. Guerra sem hipóteses de conflito.

Na “filosofia política” da Galáxia Humana em In-plosão caem todas as teorias da guerra: porque a própria “forma” do que chamamos guerra se transfigurou em símbolo de transfiguração

da vida. A própria mão do guerreiro que sujeita as fauces do leão faz girar a roda do coração: na fisiologia simbólica do corpo, esta “ginástica” da guerra implica uma transferência de energia do plexo solar ao “chakra” do coração. Este “giro da força” não é só uma “volta” do pensar, à raiz essencial do ser (Heidegger), mas reversão do poder à fonte do A-mor.

Nem a metafísica, a ética, a filosofia da ciência, a teologia moral, nenhuma destas formas de pensar do “homem ilustrado” pode dar conta desta “torna” (*Kehre*) que Heidegger soube vislumbrar como sinal paradigmático da era técnica e pôde anunciar em linguagem metafísica, mas cuja geometria simbólica (como o próprio Heidegger reconheceu) escapa a todo cânon metafísico.

Quem é o “guerreiro sagrado”, nesta guerra de mundos sem hipótese de conflito? Quem é o portador da espada flamígera que, de um só golpe, corta o “nó górdio” da História? Guerreiro iniciador? Ou Anjo exterminador?

Não temos figura

para representar

a tempestade cósmica  
que se desencadeou sobre a Terra.

Porque nós mesmos perdemos a figura, antes de entrar na guerra: o próprio “tornado” da guerra é a “voz que clama no deserto”. Foi o próprio Deserto que tomou a palavra e nos deixou sem palavra.

Começamos a descobrir a chave *gen-ética* da guerra cosmogônica: “No terceiro dia, pela manhã, houve trovões e relâmpagos e uma densa nuvem sobre a montanha...” (Êx. 19:16). O próprio Poder, que se manifesta à visão iluminativa no Cume do monte, comove as bases materiais da vida no Abismo da experiência extrema. E a essa “experiência extrema” nos encaminhamos, *antes* de conhecer o caminho.

# GIRO DA FORÇA: O “GUERREIRO SAGRADO” OPERA COMO MENSAGEIRO DE TRANS-MISSÃO DO VERBO

A mesma mão que empunha a espada faz estourar a taça: reversibilidade da vontade de poder. A mesma Força que nos leva ao cume que A-lumbrar traz-nos ao abismo que A-terra. A mesma Onda pro-fética, que pro-Voca (por In-plosão) a ruptura de simetria do mundo do homem, fala ao homem desde outro lugar no mundo.

En-caminhamo-nos ao Olho central da tempestade.

Ponto crítico de “experiência extrema”:

onde o homem,  
ao perder o olhar, é olhado pelo Universo.

Começamos a descobrir o Poder do “giro da vontade de poder”: já não desde os cumes luminosos da alma e sim, desde o escuro abismo da existência. No fundo da “experiência extrema”, o homem da era técnica começa a descobrir a chave gen-ética de reversibilidade da Força. Ao cabo de séculos de metafísica da Ideia e de dialética da História, começamos a descobrir a geometria simbólica da Força: traço generativo, relação (*Ver-hältnis*) entre a força luminosa e a força escura.

Conhecemos a revelação  
no cume ardente do Sinai

e a transfiguração viva do Verbo  
no monte alto...

Mas, qual é o poder de gestação do Verbo  
na matriz da Mãe Terra?

Caem aqui todas as metafísicas, as cosmogonias, as filosofias  
da história, as teorias da ciência... só fica a experiência da  
“experiência extrema”: a revelação do Abismo.

Mas, o que *é* o Abismo?

Um poder que A-terra!

A Filosofia moderna tentou penetrar no mistério desta  
“abismaticidade da existência humana”, mas a própria clareza do  
entendimento que procura conhecer a escuridão do abismo  
rebota contra o Abismo e é trazida “de volta” à clareza do  
pensamento. Talvez, em outro tempo, em outra idade do mundo,  
em outra época histórica, a Humanidade tenha podido “ser  
iluminada” pelo misterioso abismo da natureza, através da  
poesia romântica, da mística religiosa, do pensamento científico.  
Mas, essa “iluminação”, antes de 1945, foi uma iluminação por  
“reflexo”: “transparência” de um rosto velado. Mas, a partir de  
1945, com a fissão do núcleo atômico da matéria, com a  
“abertura” da câmara secreta do coração à grande corrente de  
consciência cósmica, o homem terrestre se viu enfrentando uma  
“experiência extrema”, que nunca havia conhecido: um abismo  
que A-terra.

Por que digo que é experiência que A-terra?

Porque, através da “fissura aberta”,  
não só o homem cósmico recém nascido  
viaja às estrelas,  
senão que o homem terrestre enfrenta  
poderes cósmicos que cruzaram a fronteira  
da antiga Terra.

O homem de hoje é um “estranho” na própria terra de seus  
pais e é também “estranho” no mundo da natureza que era  
cantada por seus avós. Hoje, a “abertura” para a experiência  
extrema que A-terra toca as raízes de nossa própria natureza e  
incendeia a matéria de nosso próprio coração.



Já não é o homem quem interroga o abismo metafísico: é o *poder* do Abismo que desperta o homem. Ou melhor, não só o homem, mas também as pedras, como diria Rodolfo Kusch:

Vi um rosto índio que se confrontava com um soldado das forças de segurança do Estado: era um “piqueteiro” de pessoas indigentes e sem trabalho que, em rebelião social por extrema pobreza, haviam cortado uma rota de abastecimento para centros povoados. “Isto é um delito penado pela lei”, cravou-lhe o soldado. E o rosto de pedra do índio se inflamou em ira de justiça. “Também é delito do governo permitir que o povo morra de fome”. Durante séculos, os índios do altiplano viveram em paz, confiados na providência da Mãe Terra. O Che quis levar a revolução social à serra boliviana, mas não havia povo... “Estes índios são pedras”, chegou a confessar o Che. Enquanto foram poderes “humanos” os que os encurralaram na pobreza e na ignorância, os índios da serra resistiram como as pedras. Mas, agora eram “outros” os poderes. Poderes sem rosto que os levavam a um abismo abaixo da dignidade humana. E as pedras despertaram de seu sono. Vi esse rosto de pedra e escutei a mensagem do Abismo... e tive medo.

Onde estava a teoria da revolução?  
Não estava.

Onde estava a teologia da libertação?  
Não estava.

Onde estava a verdade?  
Não estava.

Nem o soldado nem o índio sabiam  
o que *é* a verdade.  
Mas, não era hora de filosofia:  
O rosto de pedra havia escolhido o sacrifício!

As leis do quarto reino terminaram.

Herodes permanece oculto, custodiando as Leis do Mercado: ainda que para isso deva recorrer à matança dos inocentes. Pilatos continua perguntando: “O que é a verdade?”. Ninguém responde.

Não era a hora. Apesar do drama sacrificial da Cruz, durante todo o Éon cristão a Verdade ficou reduzida a Ideia (Octavio Paz teria dito: “A poesia não pôde encarnar na História”). Triunfou o *logos* racional, a vontade de poder, o reino deste mundo.

Com a primeira explosão atômica, a imensurável potencialidade da Cruz chegou ao ponto crítico de reversibilidade da Força: polo ativo (*ad inferus*) de incêndio da matéria terrestre e expansão da consciência cósmica. Pela primeira vez, ouvimos a ressonância do Verbo na entranha da Mater-matéria: algo completamente novo (Primo-gene) havia nascido no mundo. A partir daqui, já não falaremos de Princípio, mas de Princípio-raiz. Não só de Ideia, mas de Ideia-Mãe.

Rotação da cruz de quatro braços:

Ressonância de Espírito-matéria.

Transição de fase para um “Quinto reino”.

De qualquer modo, continuaremos falando de Força, Lei, Justiça, Trabalho, mas já não em código lógico-metafísico e sim, em clave cosmogenética: transfiguração do Verbo em funções sagradas da vida. Voltamos a descobrir o Rio que rega o jardim e se divide em quatro braços: mas já não falaremos em linguagem hermético-figurativa e sim, em termos de química social. Voltamos a encontrar os mesmos signos elementares do antigo mundo:

Força

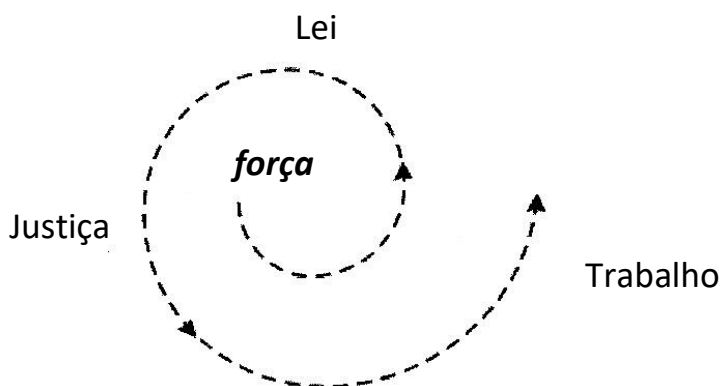
Lei

Justiça

Trabalho

Mas a Galáxia Humana em In-plosão os pôs em rotação: é “outra” a direção da força-Mãe, é “outro” o sentido das grandes forças da vida.

# CONFIGURAÇÕES SOCIAIS DE PODER



## CHAVE-SIMBÓLICA DO CÓDIGO QUE GERA A CIVILIZAÇÃO QUE VEM

Não só a lei que “funda” (que dá o marco teórico, o fundamento lógico-ético da organização social), mas a lei que “gera”, que dá vida-sentido ao mundo do homem. Estamos falando da chave gen-ética da Lei, do princípio generativo que rompe a noite da História e volta a apontar e indicar a “caminhada do deus sobre o mundo” (feliz expressão de Rodolfo Kusch, em sua *América Profunda*). Queremos aproximar-nos da geometria simbólica que o novo signo do tempo traça nas areias da vida.

Não é uma lei nova, mas sim esquecida. Era (é) a Lei gravada nas “primeiras tábuas”, as tábuas escritas dos “dois lados”: “Voltou-se Moisés e desceu da montanha, levando em suas mãos as duas tábuas do testemunho que estavam escritas dos dois lados, em uma e na outra face. Eram obra de Deus, da mesma forma que a escrita gravada sobre elas” (Êx. 32:15,16). Onde estão essas primeiras tábuas e essa prima-escritura? Moisés quebrou o primeiro testemunho à vista do povo que adorava o

bezerro de ouro... e subindo de novo ao monte, voltou depois com as “segundas tábuas” da lei. Hoje, as “tábuas” que vemos no frontispício do Palácio dos Tribunais, junto à figura emblemática da Justiça, são tábuas escritas de um só lado. Toda a estrutura do conhecimento científico-matemático que hoje possuímos é página escrita de um só lado, no grande livro da vida: a teoria da relatividade é escrita de um só lado. A Filosofia da História é escrita de um só lado, no grande livro da História. Dito de outro modo: o próprio movimento em linha reta da lei, o próprio marco teórico que determina a fronteira do pensamento lógico-técnico, fazem com que a mão do homem não possa escrever as tábuas da lei mais que de um só lado. Ainda a estrutura das revoluções científicas (Thomas Kuhn), a ética sócio-ecológica, as doutrinas das novas religiões, todos estes “Códigos” que aparecem como novos são “tábuas da lei”, escritas de um só lado. No entanto, apesar de sua resistência à mudança, e talvez em função de sua própria rigidez estrutural, esse molde lógico-matemático de interpretação do mundo se rompeu: ruptura de simetria da forma da lei, por impacto vibratório do código gen-ético da Lei.

A-corde inicial da nova era:

a ressonância do Verbo na alma-Mater  
do mundo

antecipa o código energético da lei social  
do homem.

Não queria falar demais sobre a estrutura, o código, a geometria, o ritmo desta lei, porque correria o perigo de inventar uma nova lei, quando em realidade, a Lei é que está me inventando: poder de plasmação da Lei.

Mas, alguma coisa tenho que dizer sobre esta Lei que vivo e sofro, sem compreender: não tenho palavra apropriada, tenho que pedi-la à própria Lei. E a Lei me fala desde o “outro lado” das coisas: do lado pro-fético da Lei (quero dizer, do lado da palavra que é, *antes* da palavra).

Estamos vivendo uma mudança de lei: que não é precisamente “outra lei”, mas uma trans-sição da lei para uma dimensão mais elevada.

Da dialética dos opostos,

à *Reversibilidade de Valores*.

O que é *reversibilidade de valores*? É a geometria Não-representável da Lei. Ensaíram-se muitas figuras, alegorias, símbolos, na tentativa de querer representar um movimento da Língua Mãe que *não-é* representável. O Gênese bíblico quer nos dizer alguma coisa a respeito (sem dizê-lo de todo): “Assim foram acabados os céus e a terra e todo seu cortejo. E, rematada no sexto dia a obra que havia feito, descansou Deus no sétimo dia, de tudo quanto fez. E abençoou o sétimo dia e o santificou, porque nele descansou Deus de tudo quanto criou e fez” (Gên. 2:1,3). Qualquer tentativa de representar, transcrever, traduzir este “Retorno da ação à fonte primordial de onde surge a ação”, já seja em termos metafísicos, geométricos, linguísticos, matemáticos, não pode conduzir senão ao fracasso. É só dos deuses o atributo do poder de “retirar-se” da obra, uma vez consumada, e de “santificar” o dia da retirada? Por estranho que nos pareça nomeá-lo assim, esse é o signo de advento da nova (e sempre viva) lei para o homem.

A lei de *reversibilidade de valores*  
*não* é descoberta por relação (*Relation*)  
com tal ou qual outra lei,

senão que se *revela* em relação (*Ver-hältnis*)  
consigo mesma (*retorna* a si mesma)<sup>13</sup>.

Hoje, revela-se como sentido pro-fético da Lei, ainda que a própria palavra “sentido” (com forte carga semântica, intelectual) tampouco seja de todo apropriada para albergar o ultrassentido espiritual dessa lei que in-sufla os códigos formais da lei e se retira, ao consumir-se o sentido da lei.

Quem transmite, no mundo informatizado, codificado, satelizado de nossos dias, este sentido pro-fético da Lei, que vem dar um impulso ascensional às funções da vida do homem e dos

---

<sup>13</sup> Heidegger nota a diferença de natureza entre “relação” e “relação de todas as relações”.

demais reinos? Hoje, como ontem, essa trans-missão é a tarefa, a função, o “ofício sagrado” do

Legislador.

Não me refiro aqui ao legislador da Legislatura, nem ao escriba ou ao alcaide que dita a norma: falo do “primeiro-mensageiro do Rei”, do Manu que recebe em primeira mão o espírito da Lei e pro-nuncia a lei-social que se adianta à ordem jurídica do tempo histórico. Esta protolei é Verbo-não escrito, Ensinança oral (vibratória) que o Guia-mensageiro transmite ao povo que cruza o deserto.

Temos hoje algum indício, sinal ou vestígio que nos permita reconhecer o advento de um Legislador-primordial no horizonte do tempo da era que se inicia?

Reconhecemos o Legislador

pela onda expansiva de sua retirada:

pela *signatura* que essa onda expansiva traça na noosfera do planeta.

Como passar do campo vibratório da Lei-não escrita (In-audível) à lei escrita (visível e audível)? É a função, o “ofício” de uma cadeia de segundos-mensageiros: mensageiros de transcrição da Lei. Do Verbo-Lei, passamos (por transcrição gen-ética) ao Magistério de Justiça.

### **CHAVE TÉCNICA DA LEI: MAGISTÉRIO DE JUSTIÇA**

A ordem jurídica, social, política, econômica do mundo moderno – organização da sociedade humana constituída de um enredamento de leis, normas, regulamentações, interpretações da Lei – tornou-se estranha à necessidade crescente de uma justiça-substância que, como ultraelemento, venha em auxílio da vida. Falta-nos contato, não só com o espírito da lei (a “verdade” da lei), mas com a “vida” da lei. A *justiça*, entendida somente como sanção punitiva, exemplificadora da lei (o reclamo “que se faça justiça!”) é um remédio muito pobre (e muito caro) para

“curar” os males sociais, o crime organizado, a corrupção da moral pública... Precisamos de uma “justiça biológica”: que possamos incorporar à vida para gerar melhor qualidade de vida.

**Magistério de Justiça** é a arte de

trans-missão

da justiça-substância da Lei  
às moléculas da vida.

**Justiça:** função-mãe da Gen-ética social.

**Magistério de Justiça:** arte, ofício, maestria de pôr em ação o potencial de “saúde” da Lei. Não só o conhecimento da lei, a força da lei, mas o poder enzimático-catalítico da “vida” da lei.

Precisamos de “mestres” que eduquem o povo no manejo inteligente da Lei, por meio das leis. *Resonantia-Lex*: não só leis normativas, para resolver problemas que geram outros problemas, mas leis “generativas”, antientrópicas: que produzam mais justiça do que a injustiça que procuram reparar com a justiça.

Produção de justiça:

da justiça formal  
à justiça substancial.

A função educativa da Lei vai além do trabalho legislativo do Parlamento e da doutrina jurídica da Carta Magna. E aquele do ofício dos magistrados: função de um *Magistério* da Lei, que está ausente do “Palácio” de Justiça (ali, só impera o mandato de interpretação e sentença). Esse magistério de Justiça, enquanto sabedoria-viva (seiva) que flui do “Templo” da Lei, é um elo perdido na ordem hierárquica das funções e dos ofícios sociais.

Essa ausência vem de longe. Também não nos ensinaram, no “Jardim do Éden”, a manejar a força da Lei, quando nos puseram frente à “árvore da ciência do bem e do mal”: ali, só nos disseram o que *não* devíamos comer, mas não *como* tínhamos que comer

aquilo que podíamos comer, sem destruir a essência daquilo que não tínhamos que comer. Depois, vieram a ciência e a técnica do “Homem Ilustrado”: disseram-nos que podíamos comer “de tudo”. O magistério da vontade de poder nos ensinou a “fazer” (a qualquer preço) “o que tem que ser feito”, mas não nos ensinou a “fazer o que tem que ser feito”, sem perder o *ser*. Tampouco a ética, a dialética da história, a filosofia da religião nos deram uma pauta diferente: durante milênios, só vimos “uma” das faces da tábuas da Lei.

Qual foi o resultado desta visão unilateral da justiça, do manejo desta espada de justiça que, com vontade de justiça, não consegue pôr em equilíbrio os pratos da balança da justiça? O resultado desta dialética jurídica das contradições é que:

Fomos expulsos do Paraíso  
e ficamos presos de uma ordem jurídica formal  
que continua sendo estranha à vida.

Enquanto esta “fratura” – entre as forças do bem e do mal, a luz e a sombra, os justos e os condenados – pôde ser mantida sob o *imperium* do Contrato Social, a sociedade humana acreditou haver alcançado um equilíbrio satisfatório (racional) entre as leis do céu e do inferno. Mas, eis que em uma das misteriosas curvas do tempo, a Galáxia Humana entrou em fase de In-plosão e desmoronou a muralha que havíamos levantado entre civilização e barbárie.

Caiu a muralha,  
irromperam os “bárbaros”:  
não soubemos o que fazer com eles.

E surge de imediato uma reflexão: há gente demais nos cárceres, nos hospitais, nos manicômios, nas favelas, nos espetáculos públicos, nas ruas das cidades populosas... demasiados mortos, demasiados mutilados, demasiados desaparecidos: e tudo isso, pelo menos em grande parte, em função daquilo que ditam os costumes domésticos, os códigos jurídicos, as leis de mercado. Todo mundo quer “justiça social”, mas a seu modo: ninguém sabe realmente o que ela *é*. Há gente



demais nos tribunais: demasiados expedientes, demasiados juízes, demasiados advogados. O manejo da injustiça pela “justiça” põe um véu sobre o poder de “justiça reparadora” da lei.

Queremos antecipar-nos

ao desenvolvimento de uma “moral biológica”.

Lei de “justiça orgânica”. Não me refiro a professores que ensinem ética, moral, princípios de justiça, nas escolas. Nem a “letrados” que diligenciem expedientes nos tribunais: falo de “função”, não de funcionários. Não só de justiça, mas de “justiça orgânica”: moléculas mensageiras de justiça. Justiça orgânica é “moral gen-ética”: código moral incorporado à vida. Ultraelementos de justiça produzidos por “secreção interna” do organismo biológico e que serão derramados na corrente circulatória individual-social, para que o homem alcance real dignidade de vida humana. Já não falamos aqui de filosofia dos valores nem de teologia moral, mas de elaboração e trans-missão de bens intrínsecos: Al-químia espiritual. Transfiguração do “princípio” de justiça (Espírito da lei) em “elemento” (ultraquímico) de justiça. Justiça-substância: elemento essencial-substancial, indispensável ao metabolismo “humano”.

Não se pode viver sem oxigênio: tampouco sem justiça. Para vivermos sadios, não só necessitamos de uma saudável administração de justiça (o que quer dizer “que não se acumule injustiça demais”), senão que o organismo humano (para *ser* humano) requer uma adequada produção e circulação de “justiça-substância”.

Mas, quem assegura que não nos falte esse fermento ultraquímico, indispensável para que a vida humana não se degrade ao nível das bestas do mundo subterrâneo? Até ontem apenas, confiávamos (para a saúde do povo) no Rei justo, no Sacerdote sábio, no Guerreiro libertador, investidos todos eles com a balança e a espada da Justiça. Mas hoje, com a fuga destes deuses arquetípicos (por esvaziamento espiritual do mundo), ficamos sem “defesas morais” para resistir ao impacto por In-plosão da Galáxia Humana: a queda do sistema imunológico é só um aspecto do desamparo cósmico que hoje estamos vivendo.

Entramos em um tempo muito estranho, com relação à Justiça: perdemos a percepção do “tempo interno” dessa deusa de olhos vendados, que nossa cultura racional erigiu como figura emblemática da Justiça. Ao dizer “tempo interno” não me refiro à cronologia da lei (tempo de cumprimento de penas ou prescrição de causas), mas ao movimento intrínseco da força generativa da “justiça” da Lei. Para caracterizar esse tempo que eu chamo “estranho”, com relação ao valor “justiça”, Jean Baudrillard fala de “estado *fractal*” (e ainda, *viral*) dos valores: “é o esquema atual de nossa cultura”<sup>14</sup>.

O que Baudrillard chama de “estado fractal”?

A reprodução, ao infinito, das coisas, sem referência alguma à ordem simbólica do mundo: “Quando as coisas, os signos, as ações ficam desvinculados de sua ideia, de seu conceito, de sua essência, de seu valor, de sua referência, de sua origem e de seu fim – então, entram em uma auto-reprodução, ao infinito. As coisas continuam funcionando, ainda quando a ideia desapareceu, há muito tempo... E o paradoxo é que elas funcionam ainda melhor”. Mas, então nos perguntamos: O que fica da “justiça”, neste tempo de penúria cósmica, o que fica da filosofia dos valores, dos direitos do homem, da dialética do bem e do mal?

“O jogo mudou.”, nos diz Baudrillard, “Ali, não existe estratégia do Bem contra o Mal”<sup>15</sup>.

Sentença lapidar de um dos sociólogos mais lúcidos da pós-modernidade, réquiem para a civilização ocidental e cristã de nossa era técnica... Talvez, isto seja assim em escala sociológica, mas não na ordem cosmogônica: onde as leis são outras e outro o operador simbólico da justiça. Entramos aqui em um terreno onde a linguagem nos abandona (ou melhor, onde devemos abandonar a linguagem conhecida, para conhecer por interpenetração de estados). Ainda temos palavra para nomear o Sacerdote, o Legislador, o Guerreiro e temos ainda figuras emblemáticas para representar esses poderes arquetípicos. Mas, qual é o nome (e a figura) do operador sagrado que pode reconstruir a ordem simbólica da Justiça?

---

<sup>14</sup> Jean Baudrillard, *La Transparence du Mal*, Paris, Galilée, 1990, pg. 14

<sup>15</sup> Idem, pg. 75

Os Rolos do Mar Morto nos falam do

### **Mestre de Justiça.**

A Bíblia, do  
*homem justo.*

Trata-se de um Poder não-representável, não quantificável em peso e medida: ainda que, na mitologia do antigo Egito, Anúbis (o da cabeça de chacal) avalie na balança da justiça, os méritos e deméritos do coração do morto; e Thot (com cabeça de íbis) anote em uma tabuinha, o peso justo desse coração – não conhecemos nada da justiça divina. E a justiça humana escapa de nossas mãos. No entanto, nosso coração (não o coração do morto na balança de Anúbis) nos anuncia o advento de um novo Magistério de Justiça: que a própria ciência moderna começa a desvelar. A “antiga” justiça nos aparece longe demais: racional demais, abstrata demais ou concreta demais, humana demais ou divina demais. Começamos a pressentir uma *justiça* que nos fala de perto: não só desde a justiça, também desde a injustiça. Não só desde a alma, também desde o corpo. Não só desde a religião, também desde a ciência. Dito em poucas palavras: começamos a pressentir uma *justiça-inerente* à vida. De algum modo, sem tê-lo ainda muito claro, pressinto que a injustiça social é *minha* própria injustiça; a pobreza de meu povo, *meu* próprio esbanjamento; a patologia do genoma humano em escala global, a sombra de *meu* próprio código gen-ético. Sem dar-me conta, entrei em ressonância com um padrão vibratório de energia que me ultrapassa: campo gen-ético da vida que a biologia molecular começa a investigar. Aqui, a teoria (*theoria*) se antecipa ao que deve ser investigado: Einstein já o havia advertido.

Trata-se de traçar uma ponte

entre Teologia moral e Moral biológica.

Teoricamente, por diferentes caminhos, percebemos que, em tempos de penúria cósmica, a justiça da Lei se retira a recintos herméticos da Vida. Por que digo “herméticos”? Porque nesse nível de interioridade, a Justiça já não é reconhecida como

justiça, senão que pode revestir-se (*in-verter-se*) com vestes de injustiça: reversão do código gen-ético (começamos a decifrar o código matemático de bactérias e vírus assassinos, mas qual é seu código gen-ético?).

A ponte teórica é só ideal: necessitamos cruzar a ponte. Moral biológica não é só teoria da Ciência: é ferramenta evolutiva da vida. Justiça não é só valor espiritual: é fermento material (justiça-substância). Magistério de justiça não é só o corpo institucional de magistrados e doutores da lei: sou eu mesmo, quando tomo em minhas próprias mãos a função sagrada de produção e trans-missão de “substância de justiça”... Mas, não nos adiantemos demais. Para compreender melhor esta “ultrafisiologia” de produção e circulação de bens intrínsecos, necessitamos iniciar a caminhada no áspero caminho do trabalho.

### **CHAVE GEN-ÉTICA DE TRANSFIGURAÇÃO DA FORÇA: MAGISTÉRIO DE TRABALHO**

Trabalho: ferramenta humano-divina na grande obra de transfiguração social do Verbo. A energia liberada na Grande In-plosão põe em movimento a Economia Humana de circulação de bens intrínsecos: uma riqueza ainda muito pouco explorada.

#### **O que é Circulação de Riqueza?**

Não vamos perguntar isso a Adam Smith, mas a William Harvey. Não perguntamos aqui, à ciência econômica: perguntamos à *fisiologia* do corpo. Com a publicação de seu descobrimento da “circulação do sangue” (1628), William Harvey abre o caminho para a fisiologia do corpo *humano*. Só o pai da “fisiologia humana”? Ou o precursor da “economia humana”? Há um dado que costuma passar inadvertido na Obra deste antecipador da Ciência moderna: Harvey não só descobre a “circulação do sangue”, senão que se dá conta das “duas correntes de direção contrária e de diferente natureza” que constituem essa circulação. E hoje, quando a riqueza das nações conduz à pobreza dos povos, fazemo-nos uma pergunta, nada fácil de responder:

#### **O que é Economia Humana?**

Talvez, antes de tentar uma resposta, conviria fazer-nos outra pergunta: o sangue circula, em realidade?

No mundo técnico de hoje, quando as teorias econômicas de criação de riqueza não podem dar resposta às necessidades do homem, e quando a “mensagem tecnológica de salvação” traz como contrapartida o “fim do trabalho”, a própria corrente de energia que sustenta o *ser* da Economia Humana gira sobre si-mesmo: abandona os caminhos em linha reta que conduzem ao “fim da História” e dá um salto para dentro, em busca da Fonte, de onde brotam os quatro rios do Paraíso. O poder econômico entrou em In-plosão. Já não é a teoria econômica a que vai salvar a vida, senão que a própria Vida há de dar *sentido humano* à teoria econômica. E voltamos à pergunta:

O que *é* Economia Humana?

É mais fácil dizer o que *não é*.

Uma economia de “acumulação” de riqueza, de “apropriação” do sangue humano em escala planetária (de “veias abertas”, como diria Eduardo Galeano), uma economia de nações ricas de bens – e corpos humanos pobres de vida – *não é* economia humana.

Uma economia de “consumo” crescente, que fundamenta seu “desenvolvimento sustentável” em consumo e mais consumo: mais bens de consumo à mão nas gôndolas de supermercados, mais espetáculos frívolos, mais informação à mão na Internet, mais desejos de comprar coisas supérfluas. Essa “economia de esbanjamento”, que conduz ao desequilíbrio ecológico do planeta e ao esgotamento do sistema imunológico do homem, *não é* economia humana.

Uma economia de “posse” arraigada no coração do homem, não só posse de bens materiais, mas posse de bens sociais e espirituais: posse da vida que quer salvar a vida (“Aquele que quiser salvar sua vida, esse a perderá...”). Essa economia de “ganhar o mundo e perder a alma” *não é* economia humana.

E então? Voltamos a formular a pergunta:

O que *é* Economia Humana?

Não pode ser determinada por um “é” porque esse “ser” só nos conduziria a “outra” teoria econômica. E tampouco podemos aceder a ela pelo que “não-é” porque esse “não-ser” nos levaria morrer de sede no deserto.

Só podemos falar de Economia Humana  
em função de *testemunho*.

Não se predica a Economia Humana: ou é vivida ou não se a conhece. Pelo menos um aspecto desta Economia é vivido hoje pela vanguarda social, na era de “riqueza das nações”.

Gandhi diz a seus discípulos:

Existe um conflito universal entre o capital e o trabalho, e os pobres invejam os ricos. Se cada um ganhasse o pão com o suor de seu rosto, as distinções de classes desapareceriam. Os ricos continuariam sendo ricos, mas se considerariam somente depositários de suas propriedades e usariam sua riqueza principalmente no interesse do povo<sup>16</sup>.

O Che Guevara, ainda nos altos cargos do governo da Cuba revolucionária, manteve em sua vida o mesmo princípio de economia de participação:

Em nosso caso, mantivemos o fato de que nossos filhos devem ter e carecer do que têm e do que carecem os filhos do homem comum. E nossa família deve compreendê-lo e lutar por isso. (Carta do Che, dirigida a Carlos Quijano, semanário *Marcha*, Montevideo)

Estes e outros “mensageiros” de vanguarda, na grande corrente de transformações da vida, deram passos gigantescos em direção a uma economia social de participação. Contemplaram a terra prometida, mas não puderam “entrar” nela. Fazia falta dar um passo para “dentro”, para encontrar, na própria fisiologia profunda, o

elo gen-ético

---

<sup>16</sup> Mahatma Gandhi, *Principios Básicos del Gandhismo*, Buenos Aires, Chandra L. Sing, 1933

entre a economia-social e a economia-Providencial.

Começamos a descobrir a “ponte”, a “molécula-mensageira” entre a economia do Céu, do Homem e da Terra.

Economia Humana

é Circulação

dos bens da vida no Corpo.

Digo simplesmente *Corpo*: porque no campo energético arquetípico não há separação entre corpo individual, corpo social, corpo místico. Os “dons” do céu e a “seiva” da terra são transmutados no coração do Homem em “sangue ígneo”, que circula pelos canais invisíveis do grande Organismo cósmico.

Qual é a *Força* originária que põe em movimento as rodas da Vida?

*O Trabalho*

Qual é a condição fundamental para que a “força do trabalho” gere (*gen-ética* do trabalho) uma Economia Humana de circulação de riqueza?

Que o “sangue ígneo” do esforço humano  
*circule*:

que não seja desviado, que não seja retido.

Mas, o que *é* sangue ígneo? Simplesmente *trabalho*: palavra de honra, honestidade do esforço, oferenda, sacrifício voluntário, renúncia ao supérfluo, solidariedade social. Esta corrente de “sangue que circula” ativa as funções essenciais do corpo social e “volta” (transfigurada) como contracorrente providencial ao Coração do povo: saúde, conhecimento, alegria de viver. Esta “dupla corrente” de bens materiais e espirituais (de “gravidade” e de “graça”, como diria Simone Weil) já não constitui somente um corpo “biológico”, mas uma fisiologia humana de

“ressonância” cósmica: suporte material, justiça social, economia providencial, sabedoria espiritual. Estamos falando de “riqueza real”: saúde do corpo, expansão de consciência, bens intrínsecos permanentes.

Quem é o “mensageiro-produtor” desta Economia Humana de Circulação de Riqueza?

### *O Operário.*

Não o operário assalariado. Não o operário empregado. Não o operário pobre que trabalha nas nações ricas. Não o operário rico, que ficou rico à custa da miséria do operário pobre. Quando digo “o Operário”, não estou me referindo ao “salário” do operário, mas à dignidade do “Ofício”. E “dignidade do ofício” não é só o ofício, mas o “sentido e lugar do operário na Obra”.

Quem *é* o Operário?

O operário *é* a Obra: ofício sagrado.

Um ofício sagrado perdido! Os sindicatos operários, nobre vanguarda que, no começo do século XX, levantou-se em luta desigual pela defesa do trabalho, do salário, da dignidade do operário – essa vanguarda sindical, no final deste século, acabou perdendo as leis trabalhistas, o salário, o trabalho e o operário. Onde estão hoje os porta-bandeiras da economia do trabalho humano, nesta época de revolução tecnológica e mercado global, que prescinde da mão do operário e da vida do operário?

Hoje, há teoria econômica,  
mas não vanguarda do trabalho.

Há emprego e desemprego,  
mas não Obra.

Há “operários”  
que continuam sendo chamados operários,  
mas que *não-são* operários (são assalariados).

A nova vanguarda do trabalho, a vanguarda que há de reconstruir a Terra, é uma força nascente: nasce da morte das teorias econômicas, do colapso dos sindicatos operários, do



sacrifício dos empregados e desempregados, da reação da Terra à vontade do homem de dominar a terra. Qual é a chave genética desta Economia Humana nascente? A mesma chave simbólica que ativa o espírito da Lei e o coração inteligente da Justiça:

### Reversibilidade da Força.

Temos que reconhecer que a essência da Força nos escapa das mãos. E talvez seja por este movimento de “escapar-nos das mãos” que a própria Força – que nos escapa das mãos – traz-nos de “volta”, uma e outra vez, a esse centro potencial de proximidade, de onde nos chama, para que tomemos nossa própria força com a mão. É a partir desta “Reversibilidade da Força” que a “mão” do operário – desqualificada pela economia tecnológica como “mão de obra barata” – volta a recuperar sua hierarquia simbólica no “ofício sagrado” do Trabalho.

Não temos uma teoria da Força que responda ao tremendo desafio da Galáxia Humana em In-plosão. Qual é o princípio-raiz, o código do impulso primi(*gen*)io – que no cenário social do novo signo do tempo move a pena do escritor, o cinzel do escultor, o laser do cientista, a bênção do sacerdote... gestos de uma mão que sujeita e fecha, pela metade (*la main a demi-fermé*), a força primordial da Vida – que, até agora (no mundo do “quarto reino”) nos escapava das mãos?

A ciência desta “hierografia” primordial da Força foi perdida por completo: no mundo técnico de hoje, a dança de Shiva foi substituída pelo ritmo “bit” da lógica matemática. Não temos ainda figura, ofício (*métier*), protótipo para a nova espécie de “mensageiros” que vêm *in-corporar* as forças do céu e da terra, da vida e da morte, do Espírito e da matéria – na fisiologia humana que se antecipa como suporte orgânico à alta vibração de consciência cósmica que começa a ressoar nas moléculas da vida.

Não temos teoria, não temos ainda figura prototípica destes “ofícios sagrados” que chegam antes do amanhecer. Mas, o que não entendem os doutores da Lei, sabe-o o Coração do Povo.

O que Diz o coração do povo?

O povo grita pela Lei, a Justiça, o Trabalho. Conheceu a magnificência dos príncipes, as promessas dos guerreiros, a sedução dos mercadores. Hoje, o povo já não quer ser espectador da riqueza das nações nem do esplendor dos templos (ainda que esses templos sejam chamados templos da Ciência, da Arte, do espetáculo, do mercado). Quer participar ativamente na Obra, tomando em suas próprias mãos a “matéria prima” da Obra: o trabalho. Mas, o que é a Obra?

Talvez o povo não saiba o que é a Obra, mas o Coração do povo *sabe* que, quando toma em suas próprias mãos as forças elementares da vida, flui da “matéria escura” a seiva benéfica da economia do trabalho, a saúde, a justiça, a educação, a energia sagrada que faz florescer a alma e fecundar a terra. E, quando a inteligência pergunta pelos princípios reitores da Obra, o coração responde que não sabe de “princípios”: só ressoa em clave de transfiguração do Verbo.

# PEGADAS IN-EXISTENTES NO CAMINHO DO HOMEM

## *ELEGIA ÀS QUATRO IDADES DO MUNDO*

### Canto testemunhal

Onde estão os “poetas anunciadores”  
e as “mulheres inspiradoras”?

Não estão!

Onde estão os guerreiros libertadores?

Não estão!  
Retiraram-se.

Quem está presente?

A Deusa técnica:

com sua teoria da ciência,  
seu poder tecnológico,  
sua vontade de domínio.

Veio a “Aldeia Global”:

rede planetária,  
mercado global,  
desemprego global.

Veio a “Guerra nas Estrelas”:

E a guerra se fez anônima:  
teledirigida.

E se puseram em movimento  
forças subterrâneas.

Veio o “Sacrifício Cotidiano dos Inocentes”:

Os “mensageiros” que  
chegaram, prontamente  
foram assassinados por  
Herodes.

Os jovens precursores  
ganharam  
a guerra: ganharam,  
perdendo.

E depois?  
Milhões de seres humanos  
acabam imolando suas vidas  
no altar do sacrifício coletivo  
e no abismo do sem-sentido.

Vimos de perto o perigo...

Ouvimos de perto o rugido da guerra...

Mas ficamos sem hipóteses de conflito para  
conjurar o perigo e ganhar a guerra:

O perigo era Outro.  
A guerra era (e continua  
sendo) Outra.

Para além da confrontação do “bem” e do “mal”, e  
do “mal contra o mal” (Baudrillard), luta que, até  
certo ponto, compreendíamos (porque a guerra  
ainda tinha rosto humano – ou parecia tê-lo), para  
além (ou talvez, aquém) do conflito e da hipótese  
de conflito...

começamos a tomar  
consciência  
de um perigo ainda mais  
profundo:  
cuja raiz toca  
o próprio destino do homem.

Uma tristeza cósmica oprime nosso coração:

Pre-sentimos

que uma barreira invisível

fecha-nos a passagem para as  
estrelas.

A alma da Humanidade terrestre  
ficou prisioneira  
de seu antigo Corpo:

com sua antiga história,  
com seus antigos genes,  
com suas antigas funções.

Mas, acaso  
não houve saídas?

revolução social?  
liberação sexual?  
conquista do espaço?

Só saídas transitórias.

As antigas Raças, as antigas civilizações, os antigos  
“Corpos” resistem a morrer: não podem esquecer.  
A antiga memória, com seu peso de guerras  
ganhas e revoluções perdidas, volta-se contra  
nossa própria vida como corrente de energia  
degradada: irrefreável desejo de viver, ainda à  
custa de alimentar-se de lixo.

Caiu a Noite!

Onde está a Estrela guia?

Aqui mesmo,  
no mistério da própria Noite.

Nem tudo está nas mãos do homem.

Fizemos da liberação um “mito”  
da “saída”, uma aventura heróica,  
da “consciência cósmica”,  
outro de nossos  
sonhos.

Havíamos saído, realmente, do Egito?  
Ou acreditamos haver saído e nos perdemos no  
deserto?

Séculos de Filosofia,  
de hieróglifos da História,  
de intérpretes,  
de intermediários...

O Mundo não pode ser explicado somente através  
do homem, da organização social, do código  
genético, da circulação da riqueza, da “Carta das  
Nações Unidas”, nem através dos reinos que estão  
acima ou abaixo do homem. Tampouco através da  
comunhão dos santos ou do sacrifício dos  
inocentes.

Sempre houve um Templo.

um recinto sagrado, um tabernáculo, uma sede, de  
onde  
o Deus Altíssimo convoca as Quatro Idades do  
Mundo,  
divide em quatro braços o rio do Éden e vem falar  
com o homem.

Onde está o Templo?

Não está!

Percorremos a Terra: só encontramos a vontade  
de poder. Todo mundo quer alguma coisa:  
ninguém quer perder...

Subimos ao monte, em busca das primeiras Tábuas  
da Lei: não estão!

Longo e penoso havia sido o caminho...

Quando a Noite se tornou mais escura que o  
escuro, pude ver mais claro:

Desfilavam ante meus olhos  
a glória e a derrubada dos impérios da Terra,

a beleza das civilizações  
e o horror dos fornos crematórios,  
o canto da natureza virgem  
e o pranto do planeta devastado...

.....

E dei-me conta de que

a luz do céu  
a história do homem  
o canto da natureza  
o pranto da terra...

eram outros tantos sons de um mesmo  
Canto.

# **URBI ET ORBI**

## **GÊNESE POR IN-PLOSÃO DE MUNDOS**

Divino nascimento, na Noite da matéria escura: nasceu um novo “elemento”. Ultraquímica: não havia lugar para ele na tabela de Mendeleiev.

Conhecemos a implosão atômica da matéria: bomba H. Conhecemos a “implosão social” (Baudrillard): quando a sociedade faz “massa”. Mas, aqui estamos querendo dizer algo do que está ocorrendo (neste mesmo momento) na Galáxia Humana em In-plosão. Como caracterizar de algum modo esta fase de In-plosão? É o fim da História, a reversão de todos os signos, o colapso de todos os mundos, em um ponto crítico de incêndio da matéria, do Mundo. Não existe marco intelectual: científico, técnico, filosófico, teológico que nos permita desvelar o mistério desta catástrofe cosmogônica.

In-plosão de mundos?

Sim:

Não se trata de “Guerra dos Mundos”.  
Trata-se de mundos que vêm abaixo  
(junto a nosso próprio mundo)  
e que querem dizer-nos alguma coisa,  
no instante antes de morrer.

E digo “instante” porque a In-plosão de mundos não nos dá tempo para escutar o que *nos* quer Dizer.

In-plosão de mundos!

Um Dizer que diz tudo  
sem dizer nada.



Talvez já estejamos (na misteriosa temporalidade da Galáxia Humana) no umbral de revelação de uma nova Palavra. Mas, acaso existe “algo” que possa desvelar-se além do fim da História? Existe “algo” além de Hiroshima, além da catástrofe global da sociedade humana por implosão de “massa social”, além da In-plosão de todos os mundos, na câmara secreta de meu próprio coração?

Da In-plosão de mundos

não surge outro “mundo”:

nasce um novo “elemento”.

Ao dizer “novo elemento”, fico uma vez mais sem palavra adequada para nomear o “germe” primordial que advém como molécula-mãe do Homem vindouro. Com a palavra “elemento” não quero significar algum outro elemento químico, ainda não classificado, ou algum quinto elemento da natureza que venha a somar-se aos quatro conhecidos (terra, água, ar, fogo). Digo “elemento” no sentido de primogênese: sem poder dizer de onde vem nem como nasce este Primo-gene que se antecipa a funções ainda não-nascidas na ordem cosmogônica da Vida.

Acontecimento inaugural:

Gênese por In-plosão de Mundos.

Pegada In-existente no Caminho do Homem.

Ainda não tomamos consciência da natureza “catastrófico-genesiaca” desse Acontecimento inaugural: desta ruptura de simetria da Galáxia Humana, por In-plosão de mundos, que torna impossível para o homem fazer um novo pacto com o mundo (porque o “mundo” e o “pacto” desapareceram e o homem ficou à intempérie).

A casa que habitávamos  
ficou sem sustento:  
perda do “fundamento”  
e do “fundamento do fundamento”.

Apagaram-se todas as fronteiras, caíram todas as barreiras, liberaram-se todas as energias. E surge uma pergunta: acaso não teremos entrado (por fim) em um só mundo – “Aldeia Global” – de modo que, pela primeira vez, possamos fazer um verdadeiro pacto com o Mundo (desta vez com maiúscula)? E respondo: “*Não*, não existe esse Mundo”.

O princípio de  
Gênese por In-plosão de Mundos  
não nos leva à reconstrução do mundo,  
mas à gestação espiritual do homem.

Esse recém nascido: “molécula-Mãe mensageira”, é a chave Gen-ética que, por ressonância de similitude, convoca a matéria social para uma nova dança da vida.

# TRANSPOSIÇÃO GEN-ÉTICA DA HUMANIDADE A UMA NOVA MORADA COSMOGÔNICA

Sem dar-nos conta, saímos da antiga terra: e estamos dando os primeiros passos em um âmbito recém aberto. Não se trata somente de conquista do espaço, mas de re-descobrimento do Lar.

Abraham sai de *Ur*.

“Sai de sua terra,  
de sua parentela,  
da casa de seu pai...

.....

para pisar uma terra ainda não habitada  
pelo fogo do Espírito”.

*Ur* é o “lugar” de onde procede a proto-notícia, a “comarca” de onde surge o sinal A-nunciador, a “terra” de onde sai o mensageiro portador da mensagem. De qualquer modo, este nome é só um modo de dizer, um véu da linguagem que preserva, sem dizer aquilo mais essencial que sempre pode ser dito de outra maneira.

Mas, quem é Abraham?

Abraham é Vanguarda-encaminhada para o destino.

Quando esta Vanguarda, este Pro-gene entra na história e se torna “vanguarda gen-ética”, Abraham muda de nome e é Abraão (Gên. 17:5). Também Saulo é Vanguarda-encaminhada para o destino: cai em terra no “caminho de Damasco”, uma potente luz o cega, abandona também a casa de seu pai (seu antigo código genético) e é “investido” como “vaso de eleição

para levar a Palavra ante as nações e os filhos de Israel” (Atos 9:1, 15).

Hoje, o salto gen-ético se repete: em escala cosmogônica. Com outra vanguarda-encaminhada para outro destino: para outra morada.

### **Urbi et Orbi**

Trata-se do caminho dos  
“mensageiros do Verbo”:

projeto gen-ético  
que antecipa a morada do homem cósmico.

Hoje, como ontem, no “fechamento” de um gigantesco ciclo cosmogônico, no “fim” da história do domínio técnico da Terra, quando os deuses se retiraram do mundo do homem e só fica uma “sociedade de poetas mortos”... do coração da Galáxia Humana em In-plosão (de *Ur*), *nasce* uma vanguarda-encaminhada a órbitas mais elevadas, mais universais (*Orbi*) na grande corrente de energia cósmica que ascende pelos canais invisíveis da Árvore da Vida.

Já não estamos de todo sobre a Terra,  
nossa alma vibra em um  
campo magnético-espiritual  
que olha para as estrelas.

E então, qual é nossa penúria?

Ter que con-viver (ainda um pouco mais)  
com a memória de nosso antigo corpo.

# A VANGUARDA POLÍTICA NÃO ENTENDE A VANGUARDA GEN-ÉTICA

Desconcerto! Havíamos entrado no labirinto da História, levando na mão o fio de Ariadne, com a segurança de que, pelo mesmo caminho de volta, poderíamos sair. Não tivemos em conta que, durante a caminhada, o código do tempo havia mudado.

Já não temos guia certa nem carta segura de navegação: só estrelas que se apagam, sinais de um mundo que não existe, figuras simbólicas da linguagem que começam a dizer-nos algo e terminam por não dizer-nos nada. Mais do que formas conceituais do pensamento, que nos aclarem o caminho certo, conseguimos escutar – desde o escuro fundo da alma – o pulsar de um coração in-certo.

*Não há* caminho lógico que nos conduza ao desvelamento da lei de entrada-e-saída do labirinto, quando o fio de Ariadne já não transmite o sentido da História: o mundo se tornou demasiadamente complexo (por queda da imagem do mundo) e já não encontramos resposta quando perguntamos pela verdade, o caminho, a vida. Mas, este “não há” e este “não encontramos” não querem dizer que não haja ocorrido nada no caminho incerto.

A vanguarda política não entende a vanguarda gen-ética porque o “germe pro-fético” que os mensageiros do deserto levam incorporado em sua biologia molecular é algo não pensado pela teoria da ciência, pela ideologia política, pela filosofia da história.

Não sabemos o que realmente acontece hoje na alma da sociedade informatizada. Tampouco sabemos muito bem o que está ocorrendo em nossa própria fisiologia humana: em nossos genes, em nossas moléculas mensageiras, em nossa química cerebral, em nosso coração A-tômico. O que sim, sabemos, é que os pinguins morrem cobertos de petróleo, as crianças morrem antes de nascer e nós mesmos estamos morrendo por excesso de palavras e falta de vida.

Enquanto a vanguarda política avança com passo acelerado, em direção à transformação do mundo, seguindo as linhas de força da Galáxia Humana em expansão virtual, a vanguarda *Genética* avança/retirando-se para o centro potencial de energia, acompanhando o movimento inverso da Galáxia Humana em In-plosão. Duplo movimento, igual-e-contrário de um Mesmo movimento cosmogônico de criação e destruição de mundos.

Existe uma realidade que hoje nos afeta a *todos*, de uma ou de outra maneira: transição de fase que vivemos sem compreender.

Crescimento, desenvolvimento, *expansão*:  
não há limites para o poder da ciência,  
para a vontade de domínio,  
para a posse da vida.

.....

Subitamente, da noite para o dia,  
a vida que possuíamos desmorona,  
desintegra-se,  
irradia por *in-plosão*.

# RESONANTIA VERBUM

## ROÇAMOS UMA FRONTEIRA CRÍTICA DE RE-SONÂNCIA:

A-corde  
que re-Une

o abismo da alma,  
a poesia mística,  
a intuição intelectual.

Canal de ressonância: *Resonantia Verbum*.

Como em toda ressonância (ressonância acústica, ressonância poética, ressonâncias em Física de partículas), nela descobrimos um valor crítico de ressonância. Quando a energia alcança esse valor, “ouvimos” a “ressonância”. Mas, o que acontece (hoje) no Caminho do Homem?

Roçamos uma fronteira  
de *Resonantia Verbum*.

Algo completamente *novo* nasce no coração do homem quando a vida chega a temperaturas críticas de ressonância entre os altos cumes do Espírito e os profundos abismos da matéria. Não há pensamento humano que possa explicar (nem muito menos conter) o poder genesíaco do Verbo: porque logo que o pensamento toca o umbral da Palavra primigênia, o próprio pensamento fica desintegrado. Já não estamos aqui (na Câmara Secreta do coração) no terreno do *logos*, mas no recinto do *Mysterium*.

Este horizonte de *Resonantia Verbum* – que hoje pre-sentimos como A-núncio do Ser e que escapa a todo marco reducionista do pensamento (seja pensamento filosófico, histórico ou metafísico) – nem sequer pode ser apreendido dentro do âmbito da mística tradicional, tanto do Ocidente quanto do Oriente. Quem

convoca, nesta fronteira do Desconhecido, onde o homem se tornou estranho para o homem?

O drama histórico do “quarto reino”  
termina com a diáspora do povo:

Todos os personagens  
se dispersam aos quatro ventos  
(José Hernández, *Martín Fierro*).

Em outro nível, em outro cenário,  
em um tempo-sem tempo,  
uma liturgia cósmica os convoca.



# LITURGIA CÓSMICA DE ADVENTO

Outro cenário no teatro do Mundo. Estamos em outro lugar. A Força girou: o humano e o divino, o sagrado e o demoníaco, o Espírito e a matéria ardem no fogo de um mesmo Verbo.

Algo essencial entrou no jogo da Vida.

Hora solene!

*A Anima Mundi* despertou  
de um longo sono.

Não só o Homem retornou à cena.  
Todos os Poderes foram convocados:  
também os mares, as montanhas, os rios...  
o céu e o inferno.

Cerimonial ardente.  
Liturgia sacrificial.  
Consagração alquímica dos elementos.

Os Sóis e as Estrelas  
contemplam em silêncio  
o Drama cosmogônico sobre a Terra.

Nossos relógios químicos marcam  
uma hora diferente:  
nasceu um novo “elemento”.  
Como chamá-lo?

.....

Primogênito: Primo-gene.  
Prima-nota:

que ressoa na faixa de som

in-audível dos adiantados do  
tempo.

Pegada in-existente:

onda Pro-fética (antes de toda palavra).

Padrão vibratório que marca o horizonte  
das significações...

Mensageiro fugitivo

que nos convida a segui-lo,

mas que nos escapa quando queremos  
alcançá-lo.

Protótipo de transfiguração: é outro o modo de  
conhecê-lo. Outra a via para escutar sua  
enigmática mensagem:

só por ressonância de similitude,

*Resonantia Verbum.*